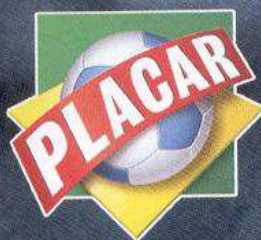
WWW.PLACAR.COM.BR
COLEÇÃO
PLACAR
Grandes perfis de PLACAR
7 893614 012544
Abril
ED. 1247 | SETEMBRO 2002 | R$ 4,90
Guilherme
Gilberto Silva
Reinaldo
Dario
Éder
Atlético
OS 23 MELHORES PERFIS JÁ PUBLICADOS NOS 32 ANOS DE PLACAR. REINALDO, ELZO, ORTIZ, MAZURKIEWICZ, VALDIR, DARIO, CAMPOS, GILBERTO SILVA, ÂNGELO, RENATO, PAULO ISIDORO, LUISINHO E MUITOS OUTROS
Cerezo
Marques
João Leite

LEVE ESTE TROFÉU PARA CASA.

O PENTA TAMBÉM É SEU

Ricardo Corrêa

Chegou a hora de relembrar e se emocionar com a histórica conquista da Seleção. O livro "O Penta também é seu", de Ricardo Corrêa, revive essa façanha em 100 páginas com fotos e momentos espetaculares. Um livro 100% inesquecível!

Já nas bancas e livrarias.

EDITORA **Abril**

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Leandro Simões (editor), Crystian Cruz (diretor de arte), Fernando Morra (diagramador), Alexandre Battibugli (editor de fotografia) e Gisèle de Oliveira (repórter).

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susana Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Letícia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Felicíssimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávolos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:**0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas**– R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermidia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282. tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701, **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, Tudo **Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1247 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidentes:CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br

SÉRGIO XAVIER FILHO
DIRETOR DE REDAÇÃO

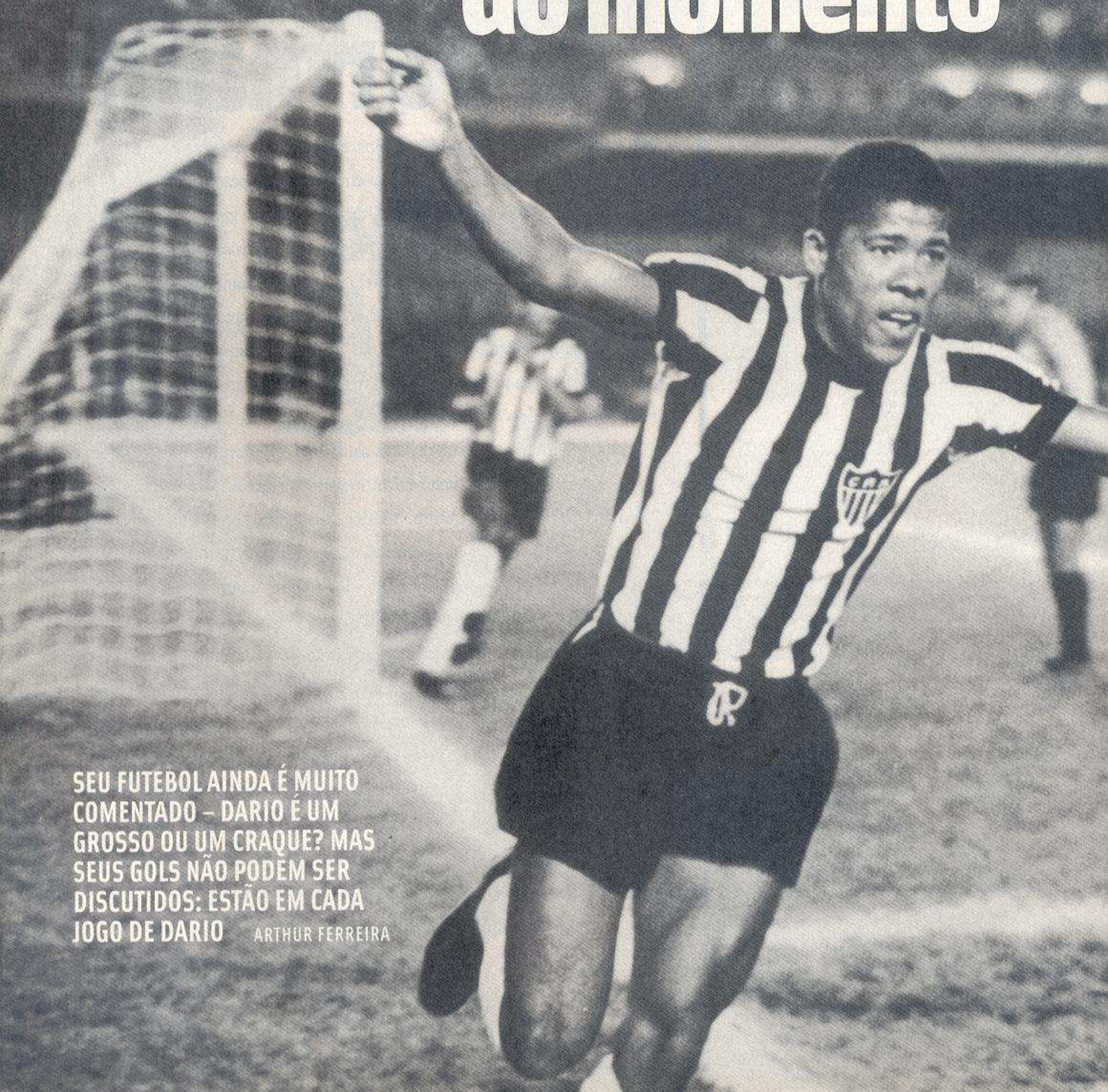
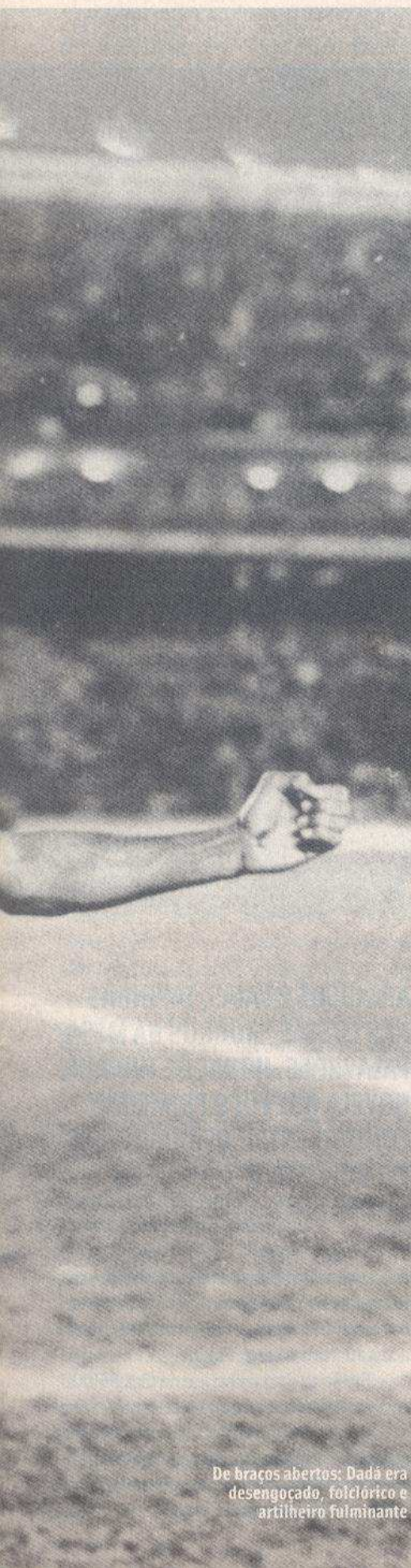
Tesouros no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

A edição do Galo, nem poderia ser diferente, tem forte influência dos anos 70. Os grandes ídolos de todos os tempos fizeram nessa década misérias e mereceram as páginas da PLACAR. Reinaldo, Cerezo, o doido Ortiz, Paulo Isidoro, Luisinho, João Leite. Já no início da década de 80, o destaque foi para Éder. Nossa, como foi duro escolher o melhor perfil? Tivemos que optar por dois. Porque o ponta-esquerda era (e segue sendo) o perfilado perfeito para os jornalistas. Desbocado, craque e playboy, Éder rendeu demais. Guilherme também valeu e o penta Gilberto Silva merece um destaque especial por ter aparecido em nossas páginas muito antes de ser percebido pela imprensa nacional, isso ainda em outubro de 2001.

O futebol salvou Dario. Da criminalidade, do preconceito, da dura vida que seria obrigado a encarar sem estufar as redes. Dadá foi um craque exótico: dizia que não tinha tempo para aprender a jogar bola, pois enquanto isso estava fazendo gols. Campeão Brasileiro em 1971 pelo Galo, ele sempre tinha a "solucionática".

Dario, o centroavante do momento

SEU FUTEBOL AINDA É MUITO COMENTADO – DARIO É UM GROSSO OU UM CRAQUE? MAS SEUS GOLS NÃO PODEM SER DISCUTIDOS: ESTÃO EM CADA JOGO DE DARIO ARTHUR FERREIRA

De braços abertos: Dadá era desengoçado, folclórico e artilheiro fulminante

CÉLIO APOLINÁRIO

Um grosso, um artilheiro, um desengonçado, uma criança, um tanque, um ídolo, um craque, um demolidor, um bom marido, um jacaré, uma jaca, um peito de aço. Tudo isso é apenas Dario José dos Santos, casado, 23 anos, carioca de nascimento, mineiro por imposição de seus súditos: a torcida do Atlético.

— Podem dizer que eu não tenho jeito de atacante e nem talento também. O que ninguém pode dizer é que eu não sirvo pra fazer gols.

Dario está certo. Foram seus gols que deixaram Tostão em segundo lugar entre os artilheiros de Minas. Foram seus gols que impressionaram o presidente Garrastazu Medici, a ponto de considerá-lo o maior atacante do Brasil. Foram esses gols que levaram Dario à Seleção.

Iustrich, ex-técnico do Atlético, atual técnico do Flamengo:

— É o melhor goleador do Brasil. Não tem a classe do Tostão, nem o toque de bola do Dirceu Lopes. Mas é o jogador mais eficiente, o que rende mais.

A mesma dúvida que ainda atinge qualquer torcedor de São Paulo ou do Rio, a mesma precaução que muitos técnicos ainda conservam ao analisar o futebol de Dario, foram as mesmas sensações que a torcida atleticana sentiu até algum tempo atrás.

Dario chegou em maio de 1968, vindo do Campo Grande, por Cr$ 110 000. Ficou muitos meses na reserva, pois Aírton Moreira, que tinha pedido sua contratação, arrependeu-se ao constatar que precisava muito mais de um atacante clássico, que jogasse como o Evaldo, do Cruzeiro, do que um atacante impetuoso como Dario. E Dario foi ficando na reserva.

— A torcida estava acostumada com jogadores do tipo de Tostão, Dirceu Lopes e Zé Carlos, que fazem muitas carícias na bola. Ela custou muito para me compreender e aceitar.

E Dario foi ficando na reserva até Iustrich ser contratado, no Robertão de 1968. A primeira providência foi entregar a camisa 9 para Dario, dizendo:

— Esta camisa é sua. De hoje em diante, você não pode perder nem mais uma bola pelo alto. Tião vai cruzar todas da esquerda, seu negócio é fazer gols.

Dario recebeu as palavras de Iustrich como se recebe conselho de um pai. Dario começou a ler a Bíblia, a pedido de Cleice, sua esposa. Dario logo se tornou um ídolo — ninguém sabe se por causa da Bíblia ou de Iustrich.

— Eu me adaptei demais à cavadinha de Iustrich. Tive mais tranqüilidade, e sentia que os adversários passavam a se preocupar comigo.

Num jogo contra o Uberlândia, em 1º de maio de 1969, Dario estava com 17 gols, dividindo com Tostão o primeiro lugar na artilharia. Aconteceu um pênalti, Iustrich mandou Amauri bater. A torcida protestou, em coro pedia Dario. Iustrich voltou atrás, Dario bateu e fez seu quinto gol nesse jogo. Resultado final: 6 a 3.

— Nunca fiquei tão alegre como naquele dia. A torcida gritava meu nome, me carregava. Fiquei orgulhoso. Como era bom fazer a alegria de tanta gente.

A torcida continuou carregando Dario, jogo após jogo. Uma das últimas foi quando ele voltou do México. A mais recente foi quando o Atlético ganhou do Cruzeiro por 2 x 1, no dia 2 de agosto.

Quando está em campo, Dario é tão sensacional, quanto engraçado. Corre em passadas largas, com os braços impulsionando o corpo na altura da cintura, com o olhar fixo na bola. Quando a alcança, aparece seu chute, sempre muito forte, de esquerda ou de direita, tanto faz. E quando a bola vem alta, Dario pula e cabeceia. Cabeceia com a força de um chute. Chuta com a força de um coice.

"A torcida estava acostumada com Tostão, Dirceu Lopes e Zé Carlos. Ela custou muito para me comperender e aceitar"
DARIO

— Quais foram seus melhores gols?

— Os que marquei contra a Rússia, no dia 3 de março de 1969.

Dario, 1,82 m de altura, desde o Campo Grande sempre foi um goleador, um peito de aço. Desde o Atlético, é "Jaca".

— Devo tudo o que tenho a Iustrich. Ele soube corrigir meus defeitos. Por isso, eu nem ligava quando ele me chamava de Jaca, um apelido que sempre detestei.

E desde quando Dario é apenas o Dadá?

— Quando eu voltei da Copa, as meninas começaram a me pedir autógrafos e me chamavam assim.

Mas o pobre Dario, aparentemente tão realizado, ainda tem uma frustração.

— Tenho que ser campeão de Minas. Para isso darei tudo a minha torcida. ○

A ida do goleiro titular da Celeste para o Galo foi conturbada. O jogador, que chamou a atenção dos dirigentes depois da Copa de 70, pedia muito alto e era assessorado por cartolas sem palavra. Nada disso, porém, manchou o talento de um dos maiores goleiros do mundo em sua época, que já chegou como ídolo.

Mazurka, o "Polaco": da Celeste de 1970 direto para o gol do Galo

Mazurka é nosso

APLAUSOS E VAIAS, TAPINHAS NAS COSTAS, MURROS NA MESA, PALAVRÕES. HOUVE DE TUDO NA NOVELA QUE FOI O PRIMEIRO CONTATO ENTRE OS DIRIGENTES E O GOLEIRO. O FINAL: FELIZ

POR ARTHUR FERREIRA

Belo Horizonte, aeroporto da Pampulha, quarta-feira, 8 de dezembro, 9 horas. A multidão que aguardava desde as 6 horas vê Mazurkiewicz chegar à porta do avião e o recepciona com bandeiras, confetes e serpentinas. O goleiro sorri.

— Estou surpreso. Sinto que o Atlético é um grande clube, como me informaram em Montevidéu.

— Fiquei apavorado no aeroporto de Carrasco, em Montevidéu. Fui apedrejado, me chamaram até de ladrão de jogador. Mazurkiewicz é tão ídolo lá quanto Pelé é aqui. (Neri Campos, diretor de futebol do Atlético)

Às 10 horas, Mazurkiewicz e os dirigentes uruguaios José Pero Damiani e Hector M. Burgues chegam à sede do Atlético, na avenida Olegário Maciel, às 10h30.

Nélson Campos, presidente do Atlético, senta-se a uma mesa com os três uruguaios e começam a discutir as bases do negócio, apesar de tudo ter ficado acertado em Montevidéu.

— Então assino o cheque de Cr$ 85 000, certo? (Nélson Campos)

— Certo se o senhor (o cartola uruguaio sorri amarelo) pagar ao Mazurkiewicz uma dívida que temos com ele, motivo de sua briga com o clube.

— Bem, mas não foi isso que o senhor me disse pelo telefone. Afinal, palavra de uruguaio só é válida no Uruguai? (Nélson Campos)

"Gostei daqui"

— Não se trata disso. O senhor está nervoso. Vamos fazer negócio, mas com toda calma. Gostei de Belo Horizonte. É uma cidade linda. (Mazurkiewicz)

O impasse durou até as 15h30, quando, desesperado, diante da multidão que aguardava o desfecho na porta da sede, Nélson Campos pediu à relações-públicas Lúcia Helena Campos que chamasse os repórteres ao seu gabinete.

Eram 32 repórteres.

Pálido, voz nervosa, cabelos despenteados, Nélson se explicou:

— Não tenho outra solução. Vamos encerrar o negócio. Eles querem levar a nossa sede. Assim não é possível.

Ouve-se um grito da multidão. Alguns contra ("mandem o gringo embora"), outros a favor da contratação: "Se ele já está aqui, vamos ficar com ele. Pode dar a sede e a Vila Olímpica".

"Vou embora"

José Poro Damiani e Hector Burgues deixam a sala de reunião correndo e pedem a um funcionário que lhes arranje um táxi.

— Estou com raiva. Vou embora agora para o Uruguai.

Mas Lúcia Helena lhes entrega três passagens para as 21 horas. Os uruguaios reclamam, um deles dá um soco numa mesa, falam alto para a torcida ouvir.

No hotel Excelsior, os dois deixam ordens para ninguém incomodá-los. Estão cansados da viagem, nem mesmo almoçaram.

Mazurkiewicz confessa ao maître do hotel que seu desejo é ficar no Atlético:

— Lá no Uruguai sou traído a todo momento. Será que só eu tenho culpa da crise do futebol uruguaio?

Às 17 horas, Neri Campos procura o goleiro. Os dois conversam durante uma hora no hotel. Depois Neri fala com Damiani. Do hotel vão para a casa de Neri. Desta para a de Nélson Campos.

Chegam a um primeiro acordo positivo: o Atlético pagaria os 15% referentes ao preço do passe. Tudo combinado, as rádios noticiam a contratação.

Já na sede, contrato e recibos prontos para assinaturas, um novo problema: Mazurkiewicz deseja acima de Cr$ 70 000 de luvas. Novo impasse: os dirigentes mineiros não abrem mão da política salarial do clube, que sustentam há dois anos.

— Você adotou uma posição muita radical. Assim, não posso fazer negócio. (Nélson Campos)

— Só um goleiro não faz um time. Estou cansado e irritado. Só não vamos inflacionar como eles (entenda-se: o Cruzeiro). É o fim. (Fábio Fonseca, vice-presidente de futebol)

Mazurkiewicz deixa a sala, Explica que,

LEONID STRELIAEV

"Lá no Uruguai sou traído a todo momento. Será que só eu tenho culpa da crise do futebol uruguaio?"

MAZURKIEWICZ, MOMENTOS ANTES DE SER NEGOCIADO COM O ATLÉTICO

para sair de Montevidéu, quer mais do que o Atlético lhe oferece. Ele conversa com Damiani, com Neri Campos. Finalmente recua de sua posição. Os dirigentes lhe mostram as contas, provam que ele deverá ganhar com a transferência. Mazurkiewicz conversa com um e com outro.

— Eles vão — como é mesmo que vocês dizem? — lhe dar o cano lá no Uruguai. Você nunca receberá seu dinheiro — diz um repórter.

— Isso mesmo. Isso mesmo. Eu concordo.

É um instante solene. Todo mundo ri. Mazurkiewicz dá autógrafos. O telefone toca. É para o goleiro, Nélson Campos pergunta a Lúcia Helena quem é.

— É o Gringo.

— Será um bom conselho, Nélson? — pergunta o desconfiado mineiro que é Telê.

Mazurkiewicz volta e diz que deseja falar novamente em particular com os dirigentes. É simples: que o clube se comprometa a pagar seu imposto de renda.

Nélson deixa a sala com raiva. Fábio não se contém. Sai na base do palavrão. Os repórteres, engolindo pedaços de sanduíche, quase se engasgam com a reviravolta: alguns já tinham anunciado o fim da novela.

"Foi o Gringo. Foi o Gringo."

"Foi o Gringo que envenenou. Se ele estivesse aqui, eu torceria seu pescoço."

"O Gringo é traidor, sem vergonha. Mandem ele embora."

— Foi ele mesmo. O Gringo trabalhou de bandido, entregou o nosso ouro, por causa da contratação de Cláudio (um lateral-esquerdo).

O Gringo é Cincunegui, na boca dos torcedores. O Gringo é Cincunegui, que havia prevenido Mazurkiewicz para não assinar sem ter certeza de que o clube pagaria seu imposto de renda.

São 20h20. Os cheques e cópias dos contratos começam a ser recolhidos. Nélson Campos está decepcionado. Sai da sala:

— Diz à torcida que fiz o possível. Sou homem de comércio, mas nunca vi coisa igual a essa.

Nélson entra no carro. Ouve um berro:

— Volta, homem. Ele concordou. Os cheques são levados à porta da sede (Nélson estava mesmo cheio de tudo).

Ele os assina rapidamente. Dá um abraço no goleiro e se oferece para levá-lo ao aeroporto.

— Suas malas, onde estão?

— Já estão lá. Uma agência as apanhou no hotel — explica um funcionário.

"Ele é lindo"

Entre palmas e sorrisos dos torcedores, Mazurkiewicz deixa a sede do Atlético.

— Pelo menos compensou. Ele é mais bonito do que o Raul.

A torcedora Maria da Conceição Praxedes se transforma em porta-voz de toda a torcida atleticana. Boa parte dela aproveitou o feriado em Belo Horizonte para acompanhar passo a passo a novela. Que, como toda novela, teve um final feliz.

Ele era um centroavante talentoso. Infelizmente, seu nome ficou marcado na história atleticana menos por seu talento e muito mais por um exame anti-doping, o primeiro a dar positivo em um Campeonato Brasileiro. No Atlético, ele atuou de 1972 a 74, mas não conquistou nenhum título.

Campos corre: para a CBD, turbinado demais

O caso Campos

DESTA VEZ O DOPING NÃO FOI APENAS UMA FOFOCA OU UMA DESCULPA DE PERDEDOR. A CBD ACUSOU OFICIALMENTE UM JOGADOR CONVOCADO PARA A SUA PRÓPRIA SELEÇÃO

POR ARTHUR FERREIRA, RAUL QUADROS E JOSÉ TRAJANO

Belo Horizonte, 28 de novembro. José Guilherme Ferreira, presidente da Federação Mineira, recebe uma comunicação da CBD. O jogador Cosme da Silva Campos estava suspenso por 60 dias, preventivamente, porque os exames de laboratório haviam constatado a presença de efedrina em sua urina, após a partida contra o Vasco, dia 18 de novembro, no Mineirão (Atlético 2 x 1 Vasco).

Convocados para uma reunião de emergência, chegam o médico-chefe, Dr. Abdo Arger, os Drs. Haroldo Lopes da Costa — que cuidava da contusão de Campos e atendeu ao médico da CBD no dia 18 — e Roberto Carlos Duarte, o dentista José Helvécio de Sousa, os advogados Flávio Dalva Simão e João Claudino e o chefe do Departamento Técnico, Fernando Alves.

Quinze minutos depois, com o presidente Nélson Campos, chega Campos.

— É o problema mais grave que apareceu em todos os meus mandatos no clube — diz Campos-presidente.

— Eu não tomei nada, só os remédios do médico e do dentista para o tratamento da boca — diz Campos-jogador.

Trancam-se para a reunião. Duas horas mais tarde, apenas uma decisão concreta: a convocação de um especialista para analisar os remédios e estudar as possibilidades de aparecimento da droga. O professor José Elias Murad, com vários livros editados sobre drogas, se prontifica a assessorar o clube.

— No dia 5 de novembro fui procurado pelo Dr. Haroldo e pelo jogador Campos. Ele voltava do Rio, onde, na véspera, havia sido atingido. Sofrera um corte no lado interno da boca, perdera três dentes e tivera os demais abalados. Fiz um tratamento de urgência, mas adverti que seria necessária uma cirurgia. Para conciliar o tratamento com sua presença no time, resolvemos — eu, o Dr. Haroldo, o jogador e o técnico Telê Santana — que a cirurgia poderia ser fei-

ta dia 19. Durante o tratamento, Campos tomou anti-inflamatórios, antibióticos e analgésicos (Parenzine, Pantomicina, Tetraciclina, Dorflex e Novalgina). Nenhum destes medicamentos está na relação dos considerados como doping. Mas só um químico pode afirmar isso com segurança absoluta. Será bom, para elucidar tudo. (Dr. José Helvécio de Sousa, dentista)

Nova reunião no Atlético. Discutia-se as providências possíveis e sua eficácia — 1) pedir efeito suspensivo; 2) recorrer à Justiça comum; 3) requerer, imediatamente, o exame da contraprova.

Na CBD, apenas uma resposta: quem está cuidando disso é Valed Perry. Que não estava mais lá. 13h. Valed Perry desembarca na Pampulha. Enquanto no Atlético todos esperam sua chegada. 15h. Doze pessoas estão na sala de reuniões, quando chega Perry.

— Ainda não está comprovado o uso de doping pelo jogador. Como a lei manda que se aplique a suspensão preventiva, eu o faço agora. Vim a Belo Horizonte apenas para trazer a palavra oficial da CBD. Quanto ao fato de os exames não serem feitos em universidades, como recomenda a portaria do ministro da Educação, deve-se ao alto preço cobrado pela única no Rio que poderia fazê-los. Daí recorrermos a um laboratório particular, de confiança da CBD. (Valed Perry)

Em reunião, Valed Perry e os homens do Atlético debateram o problema — "inédito para a própria CBD", segundo ele, quanto mais para o Atlético. Um dos pontos mais obscuros relaciona-se aos prazos. Por que o jogo do dia 18 só teve resultados dia 26? E por que estes resultados só foram comunicados a Campos e ao Atlético dia 28?

No Rio, na mesma tarde de quinta-feira, deslanchava-se verdadeira corrida à clínica do Dr. Lídio Toledo, supervisor do controle antidoping no Campeonato Brasileiro.

— Quarenta e oito horas antes de cada rodada a CBD escolhe dois jogos. Sou comunicado do fato na mesma hora. Escolho, então, um médico. Ele escolhe dois jogadores de cada time. No começo do segundo tempo, avisa aos médicos dos dois clubes quais os jogadores escolhidos. No fim do jogo, o nosso médico recolhe o material de cada jogador, em duas provetas, enquanto os médicos preenchem uma ficha, onde indicam, entre outras coisas, os medicamentos fornecidos ao atleta nas últimas quarenta e oito horas. O Dr. Haroldo explicou que a urina vermelha de Campos se devia a ter ele comido beterraba no almoço. Mas eu só soube da intervenção cirúrgica e do tratamento com remédios pelos jornais. Na sua ficha está escrito: "NADA A DECLARAR". (Lídio Toledo)

Em Belo Horizonte, decide-se que o presidente da Federação voltará com Valed Perry para o Rio para tentar o efeito suspensivo ou outra providência. No Rio, perguntava-se pela segunda proveta, a da contraprova. "Está numa geladeira" — é a informação mais precisa que se pode — ou se quer? — fornecer. Se a geladeira está na CBD, no laboratório ou em qualquer outro ponto, o Dr. Lídio, responsável pelas provetas, não disse.

Valed e José Guilherme partem para o Rio. Ficam, em Belo Horizonte, a bronca da torcida e a segurança das declarações do professor Murad:

— O exame de laboratório — cromatografia em camada delgada — indica a presença de efedrina. Campos tomou vários comprimidos de Dorflex no dia da partida e este medicamento é derivado da efedrina. Considero o problema simples, de fácil defesa científica. (José Elias Murad)

No Rio, a segunda proveta já havia deixado a geladeira da CBD rumo ao laboratório do Dr. Marcos Feldman. Os novos exames, iniciados no mesmo dia, tomarão oito dias até o resultado final e serão do tipo "espectrografia", mais minuciosa.

"Dizem que corri adoidado contra o Vasco. Palhaçada. Os gols surgiram de falhas da defesa. Eu estava por lá e foram fáceis de fazer"

CAMPOS, ACUSADO DE DOPING

Quando chegam os homens do Atlético prontos para encaminhar o pedido de efeito suspensivo, não há mais ninguém, a não ser o mesmo Valed Perry, desta vez com uma nova nota oficial — a RDI número 21/73 —, em que a CBD "nega acolhida ao pedido de reconsideração da suspensão preventiva aplicada ao atleta Cosme da Silva Campos por envolver questão de mérito". Alega a CBD, na nota, que lhe falta competência para decidir a questão, já que as sindicâncias estavam em andamento, sob a orientação de Aníbal Moreira Pellon. Como o atleta não comunicara o uso de qualquer medicamento, competia-lhe aplicar a suspensão no momento em que se constatara o resultado positivo.

Partem, então, os homens do Atlético, desta vez rumo a Brasília, procurando o mais alto escalão da hierarquia esportiva, o ministro da Educação, Jarbas Passarinho.

O assunto, em 72 horas, ficou mais longe das paixões. As coisas tornando-se menos turvas, deixando alguns pontos importantes comprovados.

A omissão do Dr. Haroldo Lopes Costa no preenchimento da ficha quanto aos medicamentos fornecidos pelo Dr. José Helvécio transformou a presença de efedrina na urina colhida de Campos de um fato corriqueiro, no primeiro caso de acusação oficial de doping no futebol brasileiro. Alertado pelo médico quanto ao conhecido Dorflex, o laboratório provavelmente chegaria à efedrina sem surpresa, assim como a CBD receberia o relatório e, talvez, não o encaminharia juridicamente da forma precipitada que fez.

Por outro lado, a vacilação da CBD, com a bomba nas mãos de segunda a quarta, sem que ninguém a fizesse explodir ou a desarmasse, aumenta a lista de omissões. Para completá-la, a do próprio jogador Campos, pivô de todo o caso: capaz de lembrar de meia dúzia de fatias de beterraba traçadas rapidamente no almoço, esqueceu-se de dizer ao médico recolhedor de sua urina que, havia uma semana, mal podia falar ou comer, porque tinha a boca machucada e tomava, dia e noite, muitos remédios.

— Dizem que corri adoidado contra o Vasco e fiz dois gois. Palhaçada pura. Os gols surgiram de falhas da defesa. Foram fáceis de fazer. Chega de ser capacho. Vou ter de reagir à altura. Dessa vez foi demais. (Campos)

ALBERTO CARLOS

Muitos atleticanos até hoje imaginam como seria ter, naquele timaço do início dos anos 80, Paulo Isidoro e Éder – então no Grêmio. Só que os dois, envolvidos numa troca em 1980, só chegariam a jogar juntos na Seleção. Paulo Isidoro e seu futebol alegre se despediram deixando os títulos mineiros de 1976, 78 e 79.

IGNÁCIO FERREIRA

Um sucessor para o ídolo

MUITOS AINDA ACHAM QUE ELE É UM JUVENIL. ENGANO. PAULO ISIDORO, NO BRASILEIRO PASSADO, ANDOU ATÉ EMPRESTADO AO NACIONAL. AGORA PINTA COMO ÍDOLO

POR SÉRGIO A. CARVALHO

Time do povo que se preza não pode ficar sem um ídolo. Aquele jogador que alimenta a esperança da torcida, capaz da jogada sensacional, do gol sem ângulo, do toque impossível ou da canelada certeira — só perdoada e elogiada nos ídolos.

Ao Atlético jamais faltou um ídolo desde que Meireles, em maio de 1913, marcou cinco gols num jogo e se transformou no primeiro artilheiro do time. Depois dele apareceram Said, com 141 gols; Mário de Castro, 195; Guará, 163; Nicola, 60; Vavá, 60; Carlyle, 56; Lucas, 158; Ubaldo, 140; Tomasinho, 123; Laci, 55; e Dario, 203.

O último grande ídolo, talvez o maior de todos, foi embora e deixou saudades. Deixou vago também o posto que muitos tentaram ocupar, sem conseguir. Campos, Reinaldo e Romeu não souberam aproveitar as oportunidades que tiveram.

Agora, começa a pintar o novo ídolo do Atlético. Um crioulinho de canela fina, boa altura, 1,74 m, bom peso, 60 quilos, muito ágil. Assim é Paulo Isidoro de Jesus, 22 anos, jogador que não passou de comum no Cruzeirinho de Matosinhos, cidade onde nasceu, a 53 km de Belo Horizonte, região que deu grandes craques ao futebol mineiro: Dirceu Lopes, Campos, Marcelo, Danival, Buião, Vaguinho e outros.

— Comecei com 9 anos, no infantil do Cruzeirinho, no meio-campo. Depois o técnico Cubu me deslocou para ponta-de-lança, ensinou-me muita coisa. Seu principal conselho: que eu jogasse fácil, não inventasse coisa alguma, não prendesse a bola e procurasse sempre passá-la para frente.

Quando já era juvenil, Isidoro se mudou com a família para Belo Horizonte. Naturalmente, trocou de clube: passou a jogar no Ideal, do Bairro das Graças. Foi num jogo pelo campeonato amador de juvenis — quase 100 clubes — que o massagista Irineu, do Atlético, o viu e o levou para treinar com Barbatana.

Faltou sorte

Em 1973, com a idade estourada para os juvenis, Isidoro assinou seu primeiro contrato como profissional, com 1 000 cruzeiros mensais. Não passava de um dos muitos jogadores que o clube mantinha para trocas e empréstimos, à espera de que um deles resolvesse explodir.

Por isso, em 1974, Paulo Isidoro foi emprestado ao Nacional, para o Brasileiro — juntamente com Pedrinho, Bibi, Antenor, Renato e Roberto.

— Não dei muita sorte no Nacional.

Não deu mesmo. Tanto que em março deste ano, quando um diretor do Nacional esteve em Belo Horizonte à cata de reforços, recusou Paulo Isidoro — o que aparentemente não mudou em nada a sua vida. Entretanto, quando os titulares foram chamados para a Seleção que disputou a primeira fase do Sul-Americano, Telê foi obrigado a armar um time com a turma do estoque.

Foi quando a estrela de Paulo Isidoro começou a brilhar. Com gols de raça ou de muita categoria, ele ajudou o Atlético a manter-se invicto na última fase do Campeonato Mineiro. Com gols seus, o Galo derrotou o Cruzeiro e empatou com o time titular do América.

— O gol mais bonito que fiz foi contra o Cruzeiro. A bola sobrou para mim na entrada da área e o Morais veio quente. Dei um corte para o lado direito e, quando todos pensavam que eu ia fazer outra coisa, enchi o pé. Peguei Vítor um pouco avançado, naquela de fechar o ângulo. A bola encontrou a última gaveta.

Já olhado pela torcida, Isidoro esperou tranqüilamente a sua oportunidade — que chegou no dia em que Marcelo desafinou contra o Guarani. No intervalo, Telê chamou Isidoro, deu-lhe algumas instruções e o lançou na fogueira naquela altura, a torcida estava insatisfeita com o 0 x 0.

A grande noite

O jogo mudou inteiramente para o Galo, pois Isidoro passou a se entender maravilhosamente com Reinaldo. Ele construía as jogadas, quebrava o forte esquema defensivo do Guarani, e Reinaldo sempre aparecia para completar na área. Assim, o Atlético fez as pazes com a torcida, com dois gols de Reinaldo, em passes de Isidoro.

Os 45 minutos foram suficientes para

O ágil Paulo Isidoro: futebol simples, boa visão de jogo e humildade em excesso

Isidoro ganhar a condição de titular — e o carinho da torcida. No desastre do Maracanã — 5 x 2 para o Fluminense —, ele marcou um gol e foi dos poucos que se salvaram. Contra o América, deixou Vânder e Cléber tontos, embora o Atlético só marcasse na cobrança de um pênalti — e o América chegasse ao empate. De novo Isidoro foi poupado nas vaias que o time levou.

Veio o clássico contra o Cruzeiro e a massa gritava antes do jogo começar: "Isidoro! Isidoro!"

O grito de guerra parecia mais forte, mais esperançoso. Afinal, ainda que por acaso, Telê parecia ter descoberto o que faltava ao Atlético desde que Dario tinha ido embora: um ídolo. E todo o tempo ele estivera dentro do clube: Isidoro. Quase tão desengonçado quanto Dario, esperto como Ubaldo, rápido como Said, talentoso como Mário Castro — e artilheiro como todos eles.

— Eu não me considero um ídolo. Sinceramente, jamais pensei nisso. O Atlético é um time grande demais, cheio de craques. Por que eu iria ser o ídolo? Não posso pensar assim. Eu entrei em poucos jogos até agora. Acho que é cedo.

A torcida não acha. Tanto assim que ela já conta com os gols de Paulo Isidoro no Campeonato Brasileiro. Não só seus gols, mas também com as jogadas que deram nova movimentação ao ataque do Atlético e que o levaram a ser um dos líderes da Bola de Prata de PLACAR, na posição de ponta-de-lança.

— Tudo isso é muito importante para um jogador. O apoio da torcida e da imprensa. Como estou com a corda toda, espero continuar jogando bem para conquistar o que acho que ainda me falta: a confiança da massa. Com a continuidade dos jogos, a confiança virá. E não haverá problemas, pois não mudarei coisa alguma. Acho tudo isso normal na carreira de um jogador. Ele tem de estar preparado para o que der e vier. Com o sucesso, não perder a cabeça; com as dificuldades, não desanimar. Não me considero o maior, longe disso. Como titular, prestigiado pela torcida, uma única coisa mudou para mim: agora ando mais satisfeito do que antes, quando era reserva, sem maiores esperanças.

Telê não lhe regateia elogios:

— Apesar de jovem, ele é muito tranqüilo. Chega a surpreender, pois não se deixa envolver pela tensão natural da disputa. Joga com calma, sabe controlar a bola e o que fazer com ela. Jamais se perde em campo. Isso facilita o trabalho de todos, que podem sempre esperar uma jogada certa. Ele também está sempre no melhor lugar para receber a bola.

Craque barato

Mas outros analistas já vão mais longe nos elogios a Paulo Isidoro. Eles vêem nele um atacante especial, capaz de armar jogadas e concluí-las.

— Olha, eu não me considero perfeito. Vou lutar para não deixar cair a moral que consegui com o povão.

Isidoro joga simples. Não dá toques desnecessários e procura soltar a bola de primeira para o companheiro mais bem colocado. Não faz firulas e, por isso, não atrasa o jogo. A mesma simplicidade caracteriza sua vida fora de campo. Não veste roupas caras ou extravagantes, não tem carro e nem ganha muito dinheiro — 3 000 mensais, embora a diretoria lhe tenha prometido um aumento este mês. Do que ganha, tira parte para ajudar a família, bem grande: sete irmãos. Seu pai é aposentado como pedreiro e a mãe faz tudo em casa. Isidoro tenta recuperar o tempo que perdeu por não poder pagar escola: faz o supletivo do primeiro grau. Se passar nas provas do fim de ano, partirá para o de segundo grau. Depois pretende enfrentar um vestibular.

— Gosto de matemática e detesto geografia. Quero ser economista. ○

A torcida tomou um susto quando viu um goleiro cabeludo e com uma roupa mais parecendo um arco-íris defendendo o Galo. Tomou outro susto na estréia do argentino, quando, na primeira bola, ele comeu um frango. Ortiz, dono de defesas milagrosas e falhas memoráveis, teve passagem polêmica no alvinegro.

Esse gringo é um artista

COM SUA CARA DE JACK PALANCE VESTIDO DE ÍNDIO APACHE, O ARGENTINO ORTIZ É – MAIS QUE UM BOM GOLEIRO – UMA NOVA ATRAÇÃO EM BELO HORIZONTE

POR SÉRGIO A. CARDOSO

Uma figura diferente, de bermudas multicoloridas, estampadas ou listradas, camisas de cores incomuns, o longo cabelo seguro por uma fita apache. Uma figura diferente, mas não original, pois antes de Ortiz adotar tais hábitos um outro goleiro argentino — Gatti — já era conhecido por gostar de vestimentas bastante espalhafatosas.

— Já me cuspiram, atiraram bagaços de laranjas, garrafas, pedras, o diabo. Já ouvi um estádio inteiro gritar: "Maricon, Maricon". Nada disso me fez desistir de ser o que sou. O importante é que as roupas não atrapalham minha carreira.

Verdade. Argentino de Santa Fé, 27 anos, profissional desde os 19, Ortiz esteve para jogar na seleção Uruguaia — quando o Atlético comprou seu passe. Verdade também que é um bom goleiro, não importa as reações — gargalhadas, curiosidade, ofensas — provocadas pelas roupas. Fosse ele um mau goleiro, já ninguém se preocuparia com seus hábitos.

Ele aceita tudo — menos que digam ser um imitador de Gatti.

— Realmente, ele usava bermudas quando eu comecei, mas não foi por sua causa que as adotei. Ele não me impressionava como goleiro e eu já usava bermudas antes de começar a jogar no Central, na segunda divisão argentina.

Ortiz faz questão de se mostrar diferente de Gatti, mas, ao que sabe, parece que sempre acompanhou sua carreira.

— O Gatti joga há 15 anos, eu há oito. Ele tem 33 anos, eu, apenas 27. Ele só veste bermudas pretas ou brancas, não sai disso. Eu uso de todas as cores: roxa, azul, verde, estampadas ou listradas. Já joguei de calça Lee cortada no joelho, com a bainha desfiada. Uma vez peguei a barra de uma cortina e fiz uma bermuda. Faço o que quero. Quer dizer: quase tudo.

Atração no Mineirão: Ortiz e seu visual eram motivo de gargalhada e ofensas

Fazia, seria melhor dizer. Ao chegar ao Atlético, Ortiz surpreendeu pelo volume de seu guarda-roupa de trabalho: 17 bermudas e 13 camisas, afora uma infinidade de fitas. Para a estréia, caprichou na escolha da camisa — e se deu muito mal, pois nem em hipótese os dirigentes admitiram vê-lo metido numa azul-celeste.

— Não, não, não. Azul, não. Escolhe outra porque azul não dá. No Atlético esta cor não entra — foi a reação imediata do presidente Valmir Pereira; a atitude assustou Ortiz, que de estalo passou a compreender a incrível rivalidade existente ante o Cruzeiro.

Estreou contra o Corinthians, num amistoso. E logo na primeira bola deixou a torcida desconfiada: o chute partiu de fora da área, ele tentou abafar a bola com um salto e ela passou por baixo de seu corpo. Não era isso que a massa queria, ainda mais de um goleiro que entrava em campo cheio de modas — todos esperavam um goleiro que fosse bem superior a Zoline.

A torcida não teve de esperar muito tempo. No jogo seguinte, contra o Esab, Ortiz fez quatro excelentes defesas.

— A gente sabia que ele era mesmo bom. Mas tinha de vê-lo jogar para ver se servia para o Galo. Uma coisa é certa: é melhor do que todos os últimos goleiros. (José Itamar dos Santos, motorista de táxi)

— Aquela roupa dele é uma palhaçada. Mas pega pra burro. É bom mesmo. (Aírton José Ramos, auxiliar de escritório)

Azar de Zoline, o prata da casa que vai ter de se conformar mais uma vez com a condição de bancário — não adiantaram nem mesmo as defesas sensacionais que fez na decisão da Taça Minas Gerais, ganha pelo Atlético.

— O Ortiz me impressionou. Ele treina muito, é dedicado e bom companheiro. Suas roupas não importam, pois já demonstrou ser um bom goleiro e ganhou a confiança dos companheiros e da torcida. Melhor para o Atlético, que tem Ortiz no campo e Zoline no banco, em quem eu também confio plenamente. (Barbatana, o técnico)

Zoline não se aborreceu com a reserva — afinal, ele devia mesmo esperá-la, pois o clube pagou 350 000 cruzeiros pelo passe de Ortiz e, nestas condições, este chegava para ser titular. Não parece fácil barrar o argentino, que treina com o apetite de quem se diverte.

Conforme todos viram no dia do jogo contra o Esab. Ele começou a bater bola às 8 e só parou três horas depois, quando revelou uma qualidade até então desconhecida: é um emérito chutador. Primeiro, chamou o goleiro Sérgio, ex-juvenil promovido por Barbatana.

— Fica aí, Sérgio, voy cobrar penal.

Sob os olhares de Barbatana, Ortiz colocou 11 bolas em fila junto à marca de pênalti. A seguir, sempre avisando o canto em que chutaria, obrigou Sérgio a morder a poeira dez vezes, pois apenas conseguiu espalmar uma das bolas.

Getúlio a perigo

— Me gusta chutar a gol. Penal, nem se fala. Sabia, cobrei um penal na Libertadores. Foi em Lima, contra o Universitario. Eu era o capitão do Wanderers, podia cobrar se quisesse. O juiz marcou e eu atravessei o campo correndo. Ajeitei e mandei no canto esquerdo — o goleiro foi no direito. Bateram palmas. O jogo estava 1 x 1 e eu fiz o segundo. O último penal que bati foi em Montevidéu, contra o Peñarol, que ganhava de 1 x 0. Bati no canto esquerdo, o Corbo saltou no direito.

Foi o oitavo pênalti na carreira de Ortiz, que não revela nenhuma pressa em substituir Getúlio nas cobranças do Atlético. Está disposto a esperar que Barbatana lhe mande cobrar — o que não demorará, segundo ele. O mesmo deve acontecer com as saídas de gol para cortar uma bola de cabeça ou driblar um atacante.

Um artista, maior do que os de teatro, cinema ou televisão, é assim que Ortiz se considera.

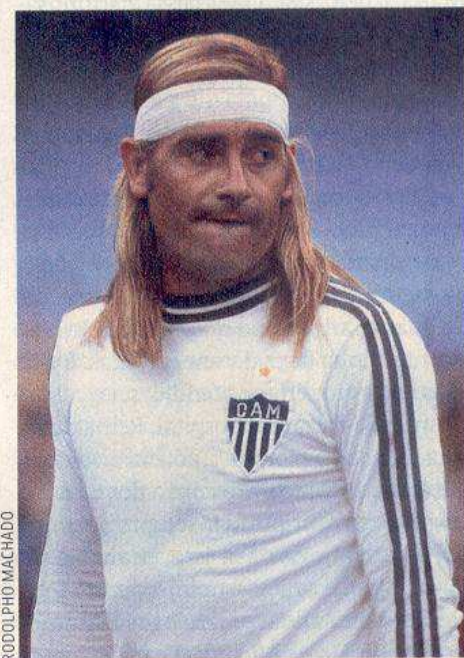
— Ora, eles têm de seguir um papel. No futebol é diferente. O artista tem de criar, improvisar, não sabe o que vai acontecer dentro de campo. É um artista que determina seu próprio papel. Eu, por exemplo, sou capaz de fazer tudo o que os outros jogadores tentam.

Verdade. No Central, em dia de treino não havia jeito: lá estava Ortiz como armador, ponta-de-lança ou centroavante. De zagueiro não tinha graça, era arte para mostrar a sério, durante os jogos.

— Nunca entrei num jogo, mas treinei muito com as camisas 8, 9 ou 10. É importante um goleiro saber como os atacantes jogam. Quer ver? Até mato a bola no peito para sair jogando. Eu tinha um duelo dentro de campo com o Gatti, de quem sou amigo. O que ele fazia, eu fazia.

Ortiz confessa que, na Argentina e no Uruguai, as garotas lhe pediam autógrafos ou fotografias.

— Mas não com muita freqüência. Já tive boa penetração no meio feminino, entretanto. Achavam que eu era diferente, entende? Fora do jogo já fiz muitas coisas que chamaram a atenção. Uma vez o Canal 12 de Montevidéu ofereceu 12 bermudas a quem aparecesse para cantar. Fui lá, cantei uma música peruana e voltei para casa com o prêmio.

Quem foi rei nunca perde a majestade — é o que todos podem observar. Quando o Atlético jogou em Guaxupé, a cerca de 450 quilômetros de Belo Horizonte, o argentino passou toda a viagem cantando para os companheiros.

RODOLPHO MACHADO

"Já joguei de calça Lee cortada no joelho, com a bainha desfiada. Uma vez peguei a barra de uma cortina e fiz uma bermuda"
ORTIZ

— Nunca vi coisa assim, ele ganhou de todo o mundo. Era samba, bolero, tango, não sei mais o quê. Seis horas sem parar. Ele é um cara diferente, bom sujeito, simples, fácil de conversar, dá gosto ouvi-lo. (Heleno)

Diferente, é mesmo. Tanto assim que, duas vezes por semana sua mulher Elisabete é obrigada a tingir-lhe de vermelho os longos cabelos — naturalmente castanho claros. Na Vila, Valtinho, o roupeiro do Galo, cuida das chuteiras 45, das camisas alaranjadas, das meias. Mas não bota as mãos nas bermudas.

— Ele leva para casa. Ele mesmo lava.

Não pergunte a um atleticano qual foi o maior de todos depois de Pelé se quiser ouvir nomes como Maradona, Di Stefano ou Cruyjff. Só não responderá Reinaldo quem não o viu jogar – enquanto ele pôde. Destruídos pelos zagueiros e pela precária medicina esportiva da época, seus joelhos o venceram.

Um ano sem Reinaldo

POR MARIÂNGELA MEDEIROS

O PRAZO FOI DADO PELO DR. JAMES NICHOLAS, QUE OPEROU O CRAQUE EM NOVA YORK. NOS PRIMEIROS SEIS MESES, ELE FICARÁ INATIVO. DEPOIS, REAPRENDERÁ A CORRER, A SALTAR E A CHUTAR

Deitado na cama, chorando de dor, meio dopado pela anestesia, Reinaldo geme, ao receber nova picada de injeção. Do seu joelho, sai uma sonda, por onde escorre um filete de sangue. Dona Maria Coeli, sua mãe, passa carinhosamente a mão sobre a testa e pergunta:

— Você rezou a novena antes da operação, meu filho?

A resposta vem gemida, mas firme:

— Rezei, sim, mãe...

— Então, confia em Deus e fica tranqüilo, meu filho.

E Reinaldo volta a dormir, sob o efeito da segunda injeção. Confiante, a mãe sai do quarto, afirmando que, desde Belo Horizonte, vinha fazendo sete novenas. E que suas rezas são sempre atendidas.

Antes de entrar no hospital, Reinaldo tinha dito que o pior, mesmo, era a volta da anestesia, o reencontro com a dor e com o corpo. Prefere continuar sempre dormindo, sem sentir dor. Por isso, pediu às enfermeiras que aplicassem injeções tão logo ele desse sinais de acordar. O médico americano, dr. James Nicholas, pareceu compreender a situação, e até determinou que Reinaldo ficasse os três dias pós-operatórios sob anestesias. "Acordado", explica o cirurgião, "ele sentirá muitas dores."

Caso comum

James Nicholas é a maior autoridade mundial em Ortopedia Esportiva. Entre seus pacientes famosos estão Muhammad Ali e Joe Namath, que é craque de futebol americano e fez uma operação semelhante à de Reinaldo. Fora do esporte, o dr. Nicholas cuidou de John Kennedy, Frank Sinatra e Peter Frampton.

No caso de Reinaldo, o médico está otimista, garantindo que ele voltará a jogar bem, e por um período estimado entre cinco e dez anos. A recuperação, porém, será lenta: Reinaldo só ficará no ponto dentro de um ano. Explica:

— O caso do garoto é muito comum entre esportistas. Cerca de 10% dos atletas enfrentam este problema: o osso, na junta do joelho, foi engrossando e a rótula se alargou. Debaixo da rótula, havia bastante cartilagem, mais restos de menisco, que estavam entre a rótula e o osso. Assim, cada vez que ele mexia a perna, sentia uma sensação terrível de dor, mais ou menos como se você estivesse espremendo um dedo contra uma porta, por exemplo.

Neylor Lasmar, médico do Atlético-MG que veio acompanhando o jogador na viagem a Nova York, sorri satisfeito, porque era exatamente o diagnóstico que fez em Belo Horizonte.

A alta será dada em seis meses. Em seguida, Reinaldo vai se submeter a um também demorado processo de readaptação futebolística. Diz o dr. Nicholas:

— Será um período de muitos treinos. O jogador é um artista, assim, ele precisa de criatividade e qualidade de movimentos. Durante todo o tempo de recuperação, não poderá jogar. Por isso, vai perder a desinibição, vai se preocupar com a perna até se acostumar de novo à perna boa. Isto talvez demore outros três meses, porque, no princípio, ele irá estranhar muito.

Durante a operação, a equipe de James Nicholas estudou minuciosamente o joelho de Reinaldo.

— Todos os problemas que o garoto apresenta são de ordem externa, por isso foi possível recuperá-lo — diz o cirurgião.

Rigorosamente, Reinaldo tem 70% de chances de total recuperação. Os 30% restantes correm por conta de inflamações ou complicações inesperadas. E é esse detalhe que vem preocupando o presidente Valmir Pereira, do Atlético, outro que acompanha a missão Reinaldo. Preocupado, Valmir diz ter feito um investimento alto no seu jogador — o Banco Central liberou 12 mil dólares para a viagem:

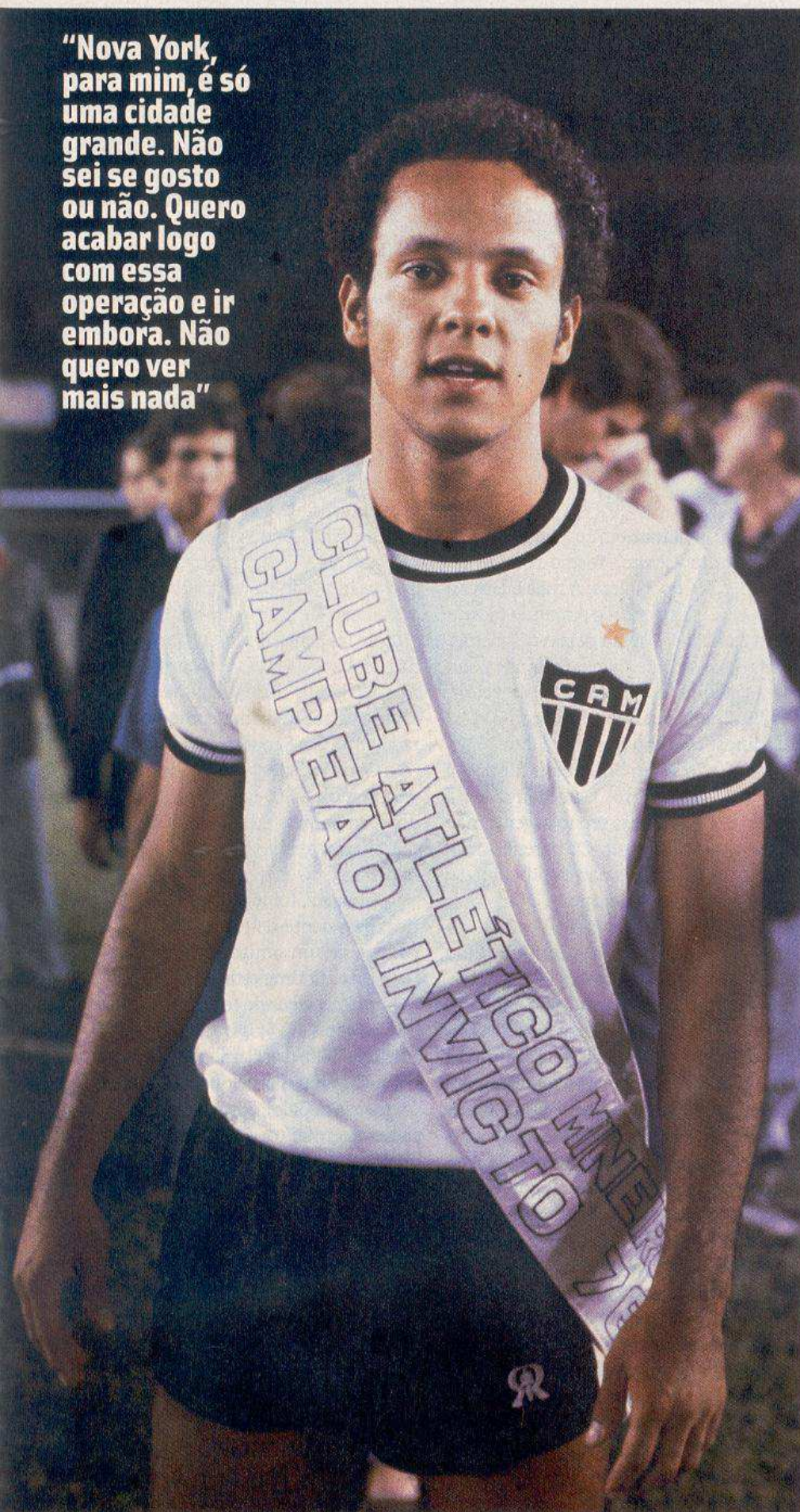
— E achamos que vamos precisar de mais. Calculamos que vamos gastar uns 20 mil dólares. Só a operação fica em 2 mil, fora anestesista, sala, instrumental.

Estudante, jogador e superstar

Ao desembarcar em Nova York, Reinaldo estava hipertenso, chupando pastilhas de hortelã sem parar, roendo unhas e sem conseguir dialogar com ninguém. Seu único momento de descontração aconteceu no domingo do desembarque, quando, escoltados por um funcionário do Consulado Brasileiro, Reinaldo e comitiva foram almoçar num restaurante brasileiro, passeando depois pela cidade.

Foram dormir cedo. Reinaldo ficou no quarto 3 103 do Hilton de Nova York, um hotel que abriga cinco mil hóspedes. E a coisa que mais impressionou o craque foi a máquina de fazer gelo, no corredor.

— Nova York, para mim, é só uma cidade muito grande. Este país é muito desenvolvido. Não sei se gosto ou não. Quero acabar logo com essa operação e ir embora. Não quero ver mais nada. Andamos de carro segunda-feira e já vi tudo da cidade. Quero acabar com isto e ir embora.

Um detalhe da vida americana Reinaldo percebeu logo: aqui tudo é pago. Quando foi entrar no hospital, a enfermeira chegou para colocar no braço dele uma fitinha com o número do quarto e da matrícula. Reinaldo perguntou, rindo:

Reinaldo, com a faixa do seu primeiro título mineiro, em 1976: ao todo, seriam oito estaduais

— Quanto vai custar isto?

Não se preocupava muito com a burocracia. Valmir ia respondendo o questionário de admissão: cidade, endereço, telefone, filiação, idade, profissão.

— Estudante — diz dona Maria Coeli, como qualquer boa mãe mineira que, não importa o que o filho faça, acha mesmo que o futuro está no estudo.

— Não, ele é jogador de futebol — corrige Valmir.

O dr. Neylor brinca, dizendo que ele é um superstar, e só então Reinaldo fala:

— Eu? Superstar? Uai, mas eu não ganho para isso.

Politizado, Reinaldo tem opiniões muito seguras sobre a profissão no Brasil:

— Estou bem porque jogo na Seleção. Se tem sorte de ser um craque, você está bem. Se não, ganha mal, não tem assistência médica, ninguém se preocupa com seus direitos. Acho que devia haver uma união maior da classe — defende. — Existe sempre o ídolo bom e o ruim. Jogador geralmente é ídolo bom porque dá alegria para o povo. A gente serve um pouco de cabo eleitoral, temos a massa na mão e a função da gente acaba mudando de sentido.

A grande atração

É a terceira operação que faz nesse joelho. Desde do início no futebol, aos 15 anos, fez cinco ao todo. No quarto 345, ele é a atração do andar, do hospital inteiro. Muita gente famosa já esteve internada ali, no Lennox Hill Hospital. Prometeram enfermeira particular. E, subindo pelo elevador, antes de conhecer o quarto, Reinaldo brinca com a mocinha que indica o caminho:

— É você a minha enfermeira, não? Mas você vai me visitar, né?

Nesses dias de Nova York, Reinaldo sempre foi dormir cedo. Não teve oportunidade de ir às boates ou de conhecer garotas. E brinca que vai descontar no hospital, conhecendo as belas enfermeiras.

Quando chega da sala de operações, chorando de dor e meio dopado, já está sobre a mesinha de cabeceira uma pilha de papel com nomes de garotos americanos: Jimmy, Johnny..., para ele autografar.

Daqui a uma semana, se não surgirem hematomas, se Reinaldo não sentir febre, dr. Nicholas vai retirar o gesso e ver se ele precisa de uma cadeira de rodas ou de muletas. Se tudo estiver bem, e se o próprio Reinaldo se sentir bem, ele já poderá voltar para o Brasil.

Ele era o peladeiro que todos queriam ter no time. Braços abertos, marcando, atacando, finalizando, fazendo o diabo. Cerezo encarnava a alma alvinegra. Sete vezes campeão mineiro, o "coxa-bamba" disputou as Copas de 78 e 82. Atleticano, fez questão de voltar ao clube em 1997 para se despedir em campo.

Com o circo no sangue

AOS 21 ANOS, JOGA SÉRIO. E VIBRA COM A ALEGRIA DO POVO. DE BOLA, APRENDEU QUASE TUDO. DA VIDA, QUE É PRECISO LUTAR MUITO. PELO CIRCO E PELO PÃO

POR SÉRGIO A. CARVALHO

Cara pintada de vermelho, branco e preto, careca postiça, feições enigmáticas — entre a alegria e a tristeza. Mais o tradicional colarinho engole-ele, mangas da camisa em trapos, calça larga, suspensório de elástico mole. O palhaço entrava em cena e fazia a meninada contrapontear com ele: "Hoje tem marmelada? Tem, sim senhor. Hoje tem goiabada? Tem, sim senhor. Hoje tem espetáculo? Tem, sim senhor. E o palhaço, o que é? É ladrão de mulher".

— Oba, oba, garotada. Estamos começando mais uma vez com o nosso circo Bom-Bril, para vocês se divertirem a valer.

Talvez não tenha havido em Belo Horizonte palhaço tão famoso como esse Moleza. Na década de 50, ele se tornou querido em toda a cidade, em todos os meios.

Famoso como o trio Geraldinho-Monte-Haroldo, do Atlético pentacampeão, em fase de ouro. Tão falado quanto os gols espíritas de Ubaldo. Era Moleza na TV, era o Galo no campo. O Independência era pequeno para os jogos do alvinegro. Não havia circo capaz de abrigar o mundão dos que iam ver Moleza. E ele distribuía prêmios, fazia alegre a TV Itacolomi.

Hoje, o rapaz moreno, 21 anos, 71 quilos, 1,83m, pega o álbum de fotografias, já bem surrado, e percorre as imagens. Aperta com o braço direito a senhora ao lado, passa mais uma página, ergue a cabeça:

— Eu podia continuar a carreira do meu pai. Ser palhaço.

A senhora — aparência sofrida, voz firme, blusa num bordado bem feito — puxa o rosto do rapaz. Beija-o. E fala:

— Podia, meu filho. Mas graças a Deus você está feliz em ser o que é.

É Toninho Cerezo, médio-volante do Atlético, filho do Moleza. A mãe é Helena Robattini Cerezo, que viu o marido morrer numa cama de hospital deixando apenas, além do barraco no bairro Esplanada, em Belo Horizonte, a pensão de 40 cruzeiros, que terminaria quando o filho completasse 18 anos. Toninho tinha só 8 anos.

— Você não se lembra, não é, filho? Foi uma luta, um aperto. E eu continuei a trabalhar como atriz, senão a gente não ia conseguir sobreviver. Os parentes moram aqui perto — mas não os procurei. Só a maçonaria me deu apoio. Não fosse ela, talvez eu até fraquejasse. Você imagina o que foi: uma mulher com um filho pequeno, solta no mundo.

Dona Helena — húngara de nascimento, gente de circo por origem familiar, criada no Brasil — começa a contar histórias:

— O Toninho sempre teve queda para futebol. Quando o Carlito — outro nome que Antônio Cerezo, o Moleza, adotava — trabalhava na TV, Toninho ia para lá, vestia uma roupinha de palhaço e entrava em cena. Gostava muito — mas acho que fica mais alegre hoje, no Mineirão.

Era difícil esquecer o circo. Quando Moleza morreu, a cidade inteira mostrou que gostava dele. Sobrou Toninho. Dona Helena foi aprendendo que, se o estádio é uma arena, nem sempre o gramado tem as doçuras do picadeiro.

— Fui ver um jogo do Toninho no Independência. Um sujeitinho deu-lhe uma pancada, ele caiu, ficou gemendo. Foi preciso um monte de homens para impedir que eu entrasse no campo. Eu queria, de todas as maneiras, bater nesse sujeito.

Toninho ri. Caminha para a varanda da casa — ainda no bairro Esplanada. Conta que, a partir desse dia, pediu que a mãe não fosse mais ver seus jogos.

E foi por essa altura que começou a crescer. A fazer lembrar Zé do Monte, que era center-half e que continua sendo uma glória da história atleticana.

De fato, Toninho lembra o antigo ídolo. Zé do Monte era uma barreira que o Atlético tinha no meio-campo. Passar por ele era façanha que poucos conseguiam.

Não fazia firulas, não tentava dribles. Era objetivo. E achava jeito para um gol, de vez em quando. No campeonato de 1949, marcou seis — enquanto Nívio, o artilheiro, fazia 14. Toninho repete Monte em quase tudo. Suas características sustentam a tradição de que o posto, no Atlético, sempre foi bem defendido. Toninho talvez não tenha a corrida de Monte, mas tem a mesma — até maior, segundo alguns — eficiência ao funcionar como uma barreira à frente dos beques.

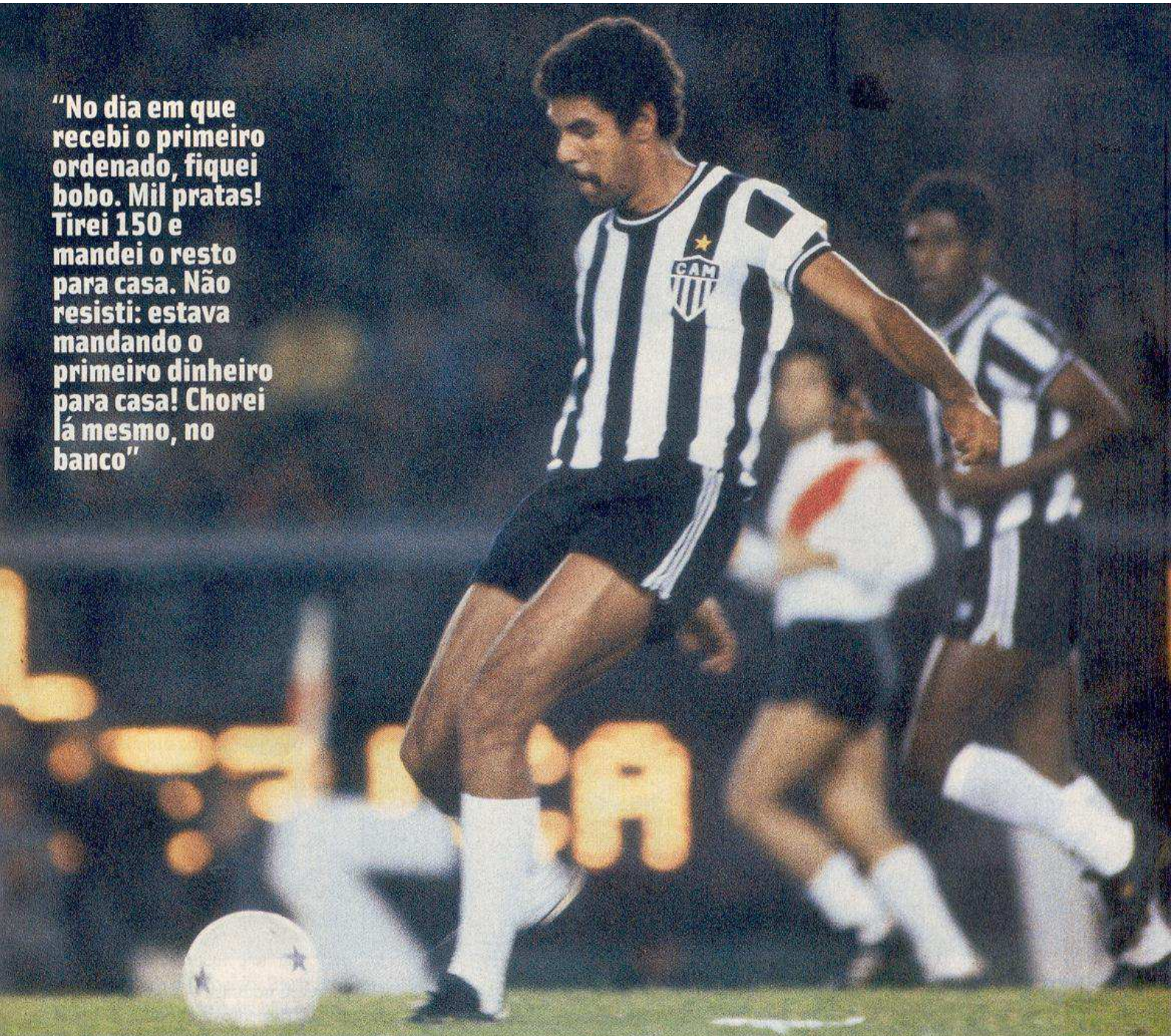
— Corro mesmo parecendo estar com as pernas moles. O Buglê até me botou apelido: coxa-bamba. Pegou, e a turma às vezes me chama assim. Mas não sou bambo, não. É só jeito de correr.

— Uma vez, fui jogar no campo do Atlético, pelo dente-de-leite do Ferroviário. A convite de um amigo, o Formiga. Fiquei no banco. O time estava perdendo de 3 x 0. Entrei no segundo tempo e marquei três gols. Depois, fui jogar com o juvenil do Atlético. O Zé das Camisas me viu, gostou e me chamou. Foi aí que comecei minha carreira no Galo. Disputei dois campeonatos no infanto. Depois fui promovido ao juvenil, dirigido pelo Barbatana. Tinha 16 anos. Com 17, fui emprestado ao Nacional de Manaus.

Dona Helena está na cozinha. Em voz baixa, Toninho conta:

— No Atlético, eu ganhava 100 cruzeiros. Fui para Manaus ganhando 1 000. No dia em que recebi o primeiro ordenado, fiquei bobo. Mil pratas! Peguei a grana e fui para o banco. Tirei 150 e mandei o resto para Belo Horizonte. Não resisti: estava mandando o primeiro dinheiro para casa! Chorei lá mesmo, no banco.

Em Manaus, lições da vida. Era, enfim, ele por ele. Pagou o preço da inexperiên-

"No dia em que recebi o primeiro ordenado, fiquei bobo. Mil pratas! Tirei 150 e mandei o resto para casa. Não resisti: estava mandando o primeiro dinheiro para casa! Chorei lá mesmo, no banco"

O filho do palhaço Moleza faz a festa em seu picadeiro predileto, o gramado: alegria, habilidade e preparo físico de leão

cia, ficou noivo — tudo bem. Envolveu-se com outra garota, "muito fogosa", segundo ele — e quase que fica tudo mal. Andou sendo chantageado, superou as crises. E pôde jogar, firme e tranqüilo.

Amigos

Toninho, Heleno, Marcelo. Vieram juntos do juvenil. Continuam amigos. Heleno mostra que conhece bem — dentro ou fora do campo — o companheiro:

— Toninho é demais. Quando jogo com ele, sei que posso atacar. Atrás ele garante.

Ele desce para o hall do Mineirão. De longe, alguém grita: "Oi, coxa-bamba". Ri. Hesita em falar sobre Heleno e Danival, que disputam um lugar a seu lado. Danival, machucado, foi afastado. Heleno está cada vez melhor. Uma política sensata. Há tempo, desde o período de Mussula na direção técnica, que vem o revezamento: um se machuca, entra o outro. E a máquina funciona. O Atlético, este ano, só perdeu dois jogos. E, se há problema para o técnico, é a inflação de bons jogadores na mesma posição.

Foi numa dessas derrotas ante o Cruzeiro que Toninho revelou sua capacidade de liderança. Enquanto alguns dirigentes e jogadores apelavam para o tradicional "vamos levantar a cabeça e sair para outra", ele desabafava:

— Levantar a cabeça, nada. Todo mundo fala isso quando perde. Temos é de corrigir nossos defeitos. O time foi mal, perdeu.

No Atlético, Cerezo reconhece, ganha-se pouco. Atua-se mais na base do amor — o que é pouco.

— Às vezes, eu morro por dentro. Não posso agüentar minha mãe me pedir uma coisa que não está ainda a meu alcance. Mas faço o que posso. Lembro da vez que pedi a ela uma bicicleta, e não havia a menor condição de ela me atender. Pois é — mas no dia 25 de dezembro me chegou exatamente uma bicicleta.

Coisas da vida, diz. Limitações quase invencíveis. Com aquela expressão indefinível — melancólica alegria? — da máscara de Moleza, ele proclama esse impasse: dar circo ao povo, futebol alegre, é fácil. Mas a outra parte da felicidade, pão e seus complementos, continua sendo difícil. Apesar de tudo que ele já andou na vida.

Torcida e jornalistas esportivos – até mesmo de fora de Minas Gerais, como João Saldanha e Sérgio Noronha – queriam o craque vestindo a amarelinha. Ele já havia sofrido, até então, três operações de menisco e uma de tornozelo, mas seguia na luta. Chegaria à Copa de 78, mas, fora de condições, não brilharia.

Reinaldo, na final do estadual contra o Cruzeiro, em 1977: recuperado da cirurgia, mas não 100%

O 9 de ouro

A GALERA NÃO QUER SÓ A CONVOCAÇÃO DO REI, MAS ESPERA VÊ-LO COMO TITULAR DA SELEÇÃO PARA QUE REPITA AS JOGADAS E OS GOLS QUE O TORNARAM O REI DO MINEIRÃO POR SÉRGIO A. CARDOSO

Faz um ano, suas jogadas eram tão maravilhosas quanto hoje, seus gols tão sensacionais. Mas Reinaldo ainda não passava de esperança, de promessa, a torcida vacilava em se entregar de vez ao ídolo que se desenhava. Um beque mais decidido, um pontapé mais forte, e lá ia Reinaldo para as mãos dos médicos.

Hoje, aos 20 anos, Reinaldo é uma realidade – e talvez o maior ídolo do Atlético.

Ele não é um Tostão, mas pensa como ele; não é um Ademir da Guia, mas tem a elegância; não é um Gérson, mas mostra a mesma categoria; não é um Dario, mas seus gols fazem a massa vibrar com a mesma intensidade. Reinaldo é Reinaldo – diz o cronista Roberto Drummond.

Verdade. Qualquer comparação com outro jogador será mais uma comparação. Reinaldo é um centroavante como ainda não apareceu no Brasil – a bola não é um simples instrumento de trabalho; faz parte de seu corpo, é um prolongamento dele. Lembra outros grandes craques que já nos encantaram. Mas tem seu estilo próprio, feito de criatividade e objetividade.

– Ele faz coisas que não dá para entender. Até a mim já driblou – conta Heleno, apoiador do Galo.

Foi no amistoso contra o Fluminense. Na entrada da área, Heleno recebeu um lançamento de Getúlio e estendeu para Reinaldo, enquanto corria para esperar a devolução na frente. Bola no pé, Reinaldo viu Edinho à sua frente, ao lado dele Pintinho e Edval, prontos na cobertura. Com um toque, como se fosse passar a Heleno, o centroavante tirou todos da jogada: Edinho, que viu a bola entre suas pernas; Heleno, que se deslocou para receber; Pintinho e Edval, que se aproximaram para cortar o passe. Sem qualquer possibilidade

de ação, os quatro viram Reinaldo surgir na cara de Wendell; com um segundo toque, ele encobriu o goleiro e marcou.

Jogada de gênio, e as comparações de sempre: "parece Tostão", "parece Pelé". Nada a ver, mas certamente um herdeiro do gênio dos dois. E falta-lhe ainda a picardia. Já sabe quando o cacete vai cantar, mas não como defender-se.

— Disseram por aí que eu tomava aulas de caratê para me defender. Realmente, pensei nisso. Mas faltou tempo, pois estudo à tarde e à noite. Talvez assim os zagueiros me respeitassem mais.

Uma necessidade sentida na própria carne. No segundo jogo da decisão do título mineiro de 1976, ele saiu de campo com a cara sangrando, devido a um soco dado por Darci.

— Ele tinha me acertado a canela, me pisado sem bola. Olha a marca que ficou. Eu queria acertá-lo mesmo.

Acertou, e o que teve de ouvir de críticas foi um dilúvio. De todos os lados.

— É, falaram muito porque era o Reinaldo. O que todos esqueceram: ele me acertou primeiro. Não gostei das críticas, mas concordei num ponto: ele é bom demais.

Dentro da mesma linha, em Minas existe outro jogador: o ponta cruzeirense Joãozinho. Para ele, futebol é alegria. Por isso entende Reinaldo tão bem:

— Ele é desses que desequilibram qualquer jogo. Se está bem preparado, é quase impossível impedir que faça um gol. De Reinaldo, sempre espero um gol.

Barbatana também. Por isso, permite toda liberdade a Reinaldo. E sempre é capaz de sentir quando o dia não é dele. Foi o que aconteceu na semana passada, quando o Uberlândia engrossou firme.

— O time deles jogou fechado e muito bem. Eu não pude fazer nada.

Não pensou assim a torcida, revoltada com a mudez do placar: deu-lhe uma estrondosa vaia quando saiu, substituído.

Foi um melê dos diabos nas cativas do Mineirão, troca de sopapos e correrias:

— Seu cruzeirense safado, não vem vaiar o Reinaldo. Vaia a mãe!

— Cruzeirense é você, desgraçado. Por que não aluga um barracão e vai morar com o Reinaldo?

Uma lição: na hora do aperto, nem ele se salva. Fato que não chega a perturbá-lo; merece apenas um comentário:

— É, a torcida não quer nem saber. Olha, de vez em quando, se estou de bode, respondo a torcedores que me malham na rua. Com papai não há jeito de discutir futebol. Eu chego e ele vai logo cobrando: "Por que você não marcou aquele gol?". Quando levo sarrafadas, é a mesma coisa: "Se machucou? Está doendo?" Com mamãe é diferente. Ela não entende e não conversa muito sobre os jogos.

O velho passa seus pitos, todo compreensão; a velha é uma embevecida admiradora. Quer dizer: dentro de casa, Reinaldo tem todo o apoio. Fora, já não existem preocupações, sobretudo depois que renovou contrato em dezembro e recebeu o suficiente para comprar um apartamento.

— O compromisso venceria em março, mas os dirigentes me chamaram para conversar em dezembro. Fiz minha proposta e eles toparam sem reclamar. Hoje, penso: se tivesse pedido mais, talvez dessem. Mas está tudo bem: em dezembro do ano que vem há outra renovação.

Maior xodó de todos os diretores que passaram pelo Atlético, Reinaldo chegou ao clube em 1971 — sua primeira partida foi jogada no dia 10 de outubro, quando o Galo ganhou do Comercial por 3 x 0, com uma espetacular atuação do então menino de 14 anos. Barbatana — na época técnico dos juvenis — resolveu entregá-lo aos cuidados de Zé das Camisas, o maior descobridor de talentos que o Atlético teve. E foi a compreensão de Zé das Camisas, a liberdade que lhe deu, que fez Reinaldo se transformar num centroavante especial. E teria sido mais especial não tivesse sofrido tantos problemas: três operações de meniscos e uma de tornozelo. Mas o médico Neylor Lasmar afirma que, a partir de agora, o atacante não será figura sempre presente no departamento.

FOTOS CÉLIO APOLINÁRIO

"Ele me perguntou se eu estava recuperado e eu lhe disse que não sentia mais nada, mas que fazia treinamento especial"

REINALDO, SOBRE A CONVERSA COM CLÁUDIO COUTINHO, ENTÃO TÉCNICO DA SELEÇÃO BRASILEIRA

Ao voltar da excursão à Ásia, no começo deste ano, Reinaldo foi chamado ao telefone, na sede do Atlético.

— Alô, quem é?

Reinaldo ficou cabreiro com a resposta:

— É o Cláudio Coutinho.

Era mesmo — e os dois conversaram por algum tempo com a maior descontração.

— Ele me perguntou se eu estava recuperado e eu lhe disse que não sentia mais nada; contei ainda que não estava fisicamente inteiro, mas que fazia treinamento especial.

Era apenas o começo de um namoro que continuaria após os dois jogos contra o Cruzeiro pelo título de 1976, cujos teipes foram solicitados pela CBD — Coutinho queria ver Reinaldo.

O colunista Sérgio Noronha, de *O Globo*, escreveu: "Depois dessa decisão contra o Cruzeiro, não há mais dúvidas de que Reinaldo deve ser convocado".

No *Jornal do Brasil*, João Saldanha também mandou seu recado: "Se agora Reinaldo não tremeu, isso significa que o ataque da Seleção Brasileira vai melhorar muito, bola mais redonda, dando seguimento às jogadas que vêm de Zico, Rivelino e Cerezo com mais finura".

Foi uma satisfação quando Cerezo garantiu a vaga na Seleção. Agora, Minas em peso acredita que chegou a vez de Reinaldo ser chamado. A única razão que excluiria a hipótese — falta de condições físicas — não mais existe, embora ele reconheça ainda não estar 100%.

— A técnica a gente jamais perde. Mas, quando o fôlego acaba, não há técnica que dê jeito. Às vezes quero tentar determinado lance, mas a perna não responde. Mas estou pertinho do ponto ideal.

O meia viveu seu melhor momento quando foi vice-campeão Brasileiro em 1977, pelo Galo. Aquela decisão ficaria marcada pela deslealdade dos são-paulinos Neca e Chicão, que inutilizaram Ângelo para o futebol durante um ano. Querido pela torcida, o meia ganhou pelo alvinegro o Mineiro de 1976.

Ângelo na decisão do Brasileiro de 1977, sob o olhar demoniaco de Chicão: minutos depois, ruptura dos ligamentos do joelho

Guerra suja no Mineirão

QUEM GARANTE QUE UM TORCEDOR MAIS FANÁTICO NÃO INVADIRÁ O CAMPO PARA AGREDIR NECA E CHICÃO E VINGAR A CONTUSÃO DE ÂNGELO?

POR SÉRGIO A. CARVALHO (MG) / JOSÉ ROBERTO DE AQUINO (SP)

É hora de desarmar os espíritos, sugere o goleiro Leão, certamente preocupado em não se envolver em polêmicas. Ele, que tem ambições políticas e não pode, portanto, definir-se a favor ou contra, muito pelo contrário. Mas, quando se trata de uma decisão — e Leão é experiente na matéria, depois daquela corrida que deu num torcedor são-paulino na final paulista de 1971 — quando há mais que dois pontos em jogo, a coisa fica preta. E é esse clima, denso de ódio, revolta, ressentimento e vingança, que os jogadores Neca e Chicão vão encontrar no Mineirão. Nesta quarta-feira, às 9 h da noite, Atlético e São Paulo inauguram a disputa da Taça Libertadores, mas torcedor algum estará de olho no resultado final ou no desempenho de um e outro time. Haverá, isto sim, uma fixação coletiva em torno do comportamento psicológico de Neca, Chicão e os outros 20 atletas no gramado. Em volta dessas quatro linhas, uma massa ululante de 80 ou 90 mil pessoas estará exigindo, por faixas, rojões e xingamentos, que um jogador alvinegro faça justiça a Ângelo, condenado a um ano de inatividade, com ruptura total dos ligamentos do joelho. Em volta desse estádio, milhões de ouvintes e telespectadores, ansiosos, viverão a expectativa de uma guerra suja, onde o primeiro lance foi dado por Neca, na decisão do Brasileiro. Na prorrogação, perna erguida em excesso, mãos

à frente do peito, Neca acertou o joelho de Ângelo. Que, inocentemente, levava sua perna na direção da bola. Estava consumada a tragédia.

Mas haveria, ainda, um desdobramento dessa agressão (para os mineiros) ou desse acidente (para os são-paulinos). Movimentando-se de gatinhas, atordoado pela dor, Ângelo levou um pisão duro de Chicão, enquanto o juiz Arnaldo César Coelho, poucos metros adiante, cuidava de advertir alguns jogadores. Um pisão que, no entender da insuflada imprensa mineira, revoltou muito mais que a entrada anterior de Neca. De hora em hora, na semana passada, as emissoras de TV de Belo Horizonte repassavam a seqüência, alimentando o fogo da controvérsia, induzindo a uma reação na mesma moeda.

Chicão, o violento médio-volante que coleciona mais de dez expulsões em sua carreira, o implacável marcador que combina raça, garra e alguma deslealdade, Chicão se confundiu, ao dar sua versão do episódio: na quarta-feira, entrevistado por uma emissora de TV, reconhecia seu erro ao pisar no tornozelo de Ângelo. No dia seguinte, após se reapresentar para os treinos no Morumbi, desmentia veementemente, e até contra a evidência da imagem gravada, qualquer pisão.

Neca, o ponta-de-lança que criou fama de pipoqueiro, covarde, está no limite da tensão. Não se cansa de repetir que tem a consciência tranqüila, que jamais pretenderia ferir um companheiro de profissão. Vai mais além, enviando um recado:

— Olha, Ângelo, eu lamento muito o que aconteceu. Lamento ainda mais por ter sido em uma jogada em que a bola foi dividida comigo. Na segunda, depois do jogo, tentei telefonar para a Santa Casa, conversar com você. Não consegui, estava sempre ocupado. Pode ter certeza de que não tive a menor intenção de lhe machucar. Quanto às suas declarações, me acusando de culpado, lamento, mas acho que você está afetado emocionalmente.

Recolhido num leito da Santa Casa de Belo Horizonte, Ângelo ia arrefecendo sua indignação, dia a dia. Se no início da semana, ele concordava com qualquer tipo de iniciativa, visando punir seus agressores, na quinta já se recusava a assinar uma procuração para que o Atlético apresentasse queixa-crime contra Neca e Chicão. Nesta altura, Ângelo, confortado pelos seus companheiros de time e por um número incalculável de visitas de torcedores, pedia que o caso fosse encerrado.

E o lance? Quanto ao dolo, Ângelo não tem qualquer dúvida:

— O Neca foi desleal, sabe? O Chicão também. Eu não posso entender como é que dois profissionais podem fazer o que eles fizeram a um companheiro que ganha a vida como eles. Quando o Chicão me pisou, me disse uma coisa que não consigo entender: "Tome, isto é pra você aprender a ser covarde". Covarde, eu? Por quê? O que é que eu fiz de errado naquele jogo? O que fiz contra ele? Eles estavam totalmente errados. Mas não quero vingança. Espero que meus companheiros não façam nada de errado. Eu não esquecerei o que aconteceu, porque, agora, estou prevenido contra tudo. Não posso perdoá-los, porque não sou ninguém para perdoar.

No Rio, o também médio-volante Zé Mário, presidente da Associação Profissional dos Atletas de Futebol, concorda com a tese de Ângelo. Vai mais além, admitindo que Neca e Chicão estão definitivamente marcados:

— Qual é a condição psicológica deles dois? Com essa acusação nas costas, em todo jogo que entrarem, o adversário vai ficar em cima, vai ficar com um olho na bola e outro na perna do Chicão, do Neca.

"Não posso entender como dois profissionais podem fazer o que eles fizeram a um companheiro que ganha a vida como eles"

ÂNGELO, SOBRE AS AGRESSÕES DE NECA E CHICÃO

O promotor Severino Flores Pereira, da 18ª Promotoria de Justiça de Belo Horizonte, pediu oficialmente abertura de inquérito policial contra os dois jogadores. Na sua petição, encaminhada ao próprio Secretário de Segurança Pública de Minas, o promotor sugere que seja investigada a possível cumplicidade do técnico Rubens Minelli, naquilo que entende como agressão dolosa. Teoricamente, o inquérito pode propor o enquadramento de Neca e Chicão no artigo 129 do Código Penal, que diz: Ofender a integridade corporal e a saúde de outrem. Pena: um a cinco anos de detenção.

No Morumbi, o mais revoltado com tudo isso era o técnico Minelli, que, em inflamado discurso aos repórteres, na quinta-feira passada, invocava o testemunho de todos os jogadores que comandou em sua carreira de técnico — entre os quais, Frazão, hoje no Galo. Minelli assegura que jamais determinou que uma equipe sua jogasse pesado. Chicão dizia que a celeuma estava criada para vetá-lo definitivamente da Seleção. Não compreendia, acima de tudo, as críticas de João Saldanha publicadas em sua coluna do *Jornal do Brasil*. Chicão lamentava:

— Só vejo um motivo para essa atitude dele: uma preocupação com a possibilidade de eu ser escolhido pelo Coutinho antes da Copa. O Saldanha, talvez preocupado em ver mais um paulista com a vaga que poderia ser do Paulo César, por exemplo... Acho que ele tem todo o direito de me criticar. Só que ele não tem razão, pelo menos desta vez. Quando ele era técnico da Seleção, nunca escondeu sua preferência por jogadores viris. O apelido de feras, aos jogadores da Copa de 70, foi dado por ele. Quanto ao Zé Mário, que joga na minha posição, não é nenhum santinho ...

João Leite, o místico goleiro que fez milagres na cobrança de pênaltis, proclamava:

— É preciso que haja amor entre os homens. Mas devo confessar que quase me esqueci de minha religiosidade quando vi, pela TV, a agressão que o Ângelo sofreu.

Na noite em que Atlético e São Paulo voltam a se enfrentar, o primeiro filho de Ângelo completa 17 dias. Será, sem dúvida, uma companhia reconfortante para quem vai ficar em casa por um ano. Sem poder mexer na bola.

FOTOS RODOLPHO MACHADO

Ele foi um dos beques mais clássicos do país. Dono de oito títulos mineiros e de uma qualidade de desarme pouco vista nos gramados, chegava à Seleção Brasileira – onde seria tão criticado depois do jogo contra a URSS, na Copa de 82. Para a massa, jamais houve um quarto-zagueiro melhor que Luisinho.

O filho da dona Norita

A MÃE DE LUISINHO QUERIA QUE ELE FOSSE PADRE OU MECÂNICO. NEM UMA COISA NEM OUTRA: ELE É AGORA O QUARTO-ZAGUEIRO DA SELEÇÃO

POR SÉRGIO A. CARVALHO

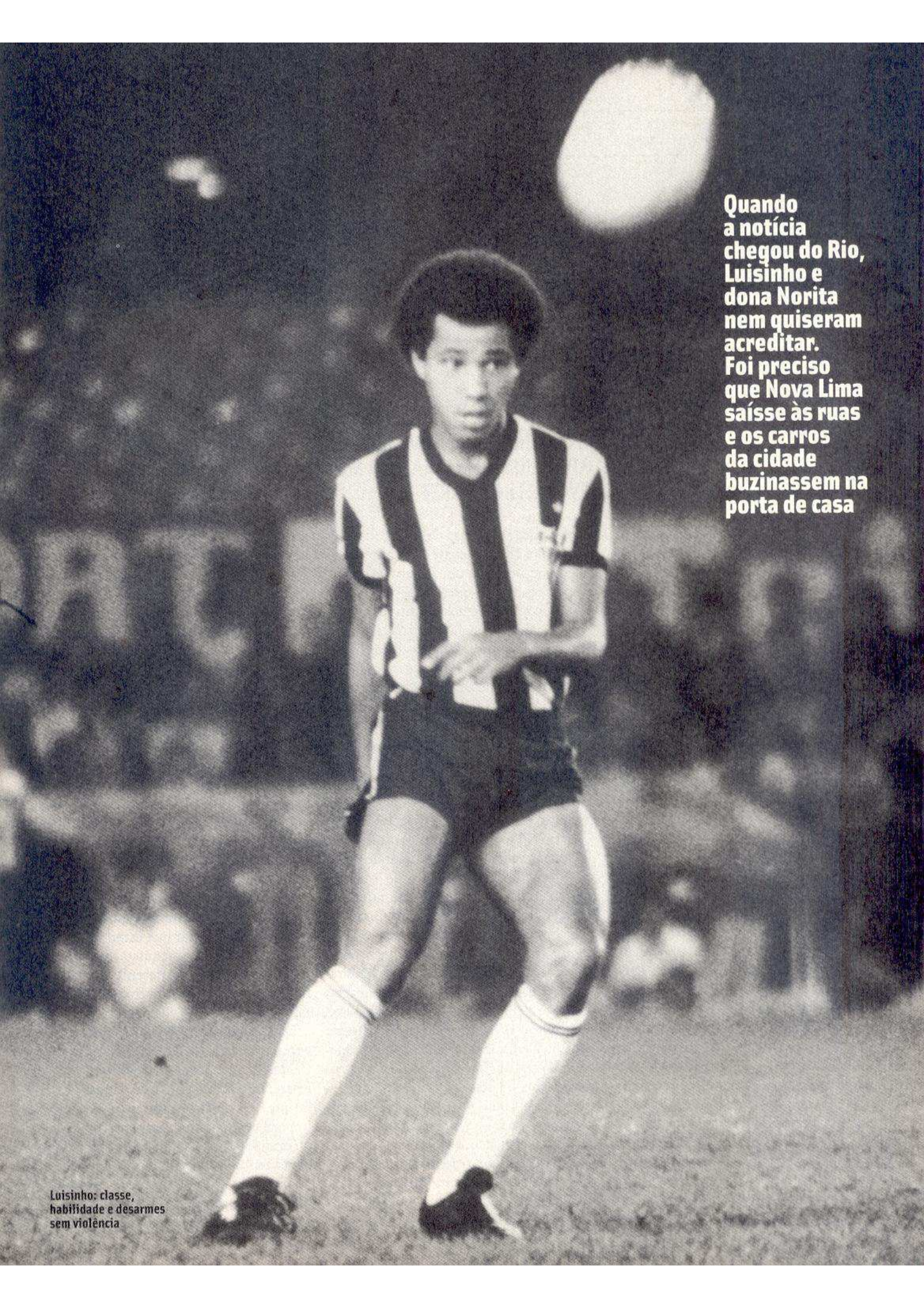
Já era madrugada, mas os carros ainda buzinavam na rua. Ninguém conseguia dormir dentro da casa, onde o hino do Atlético-MG continuava a ser tocado no último volume, intercalado com músicas de Benito di Paula e Martinho da Vila. A cidade de Nova Lima, junto a Belo Horizonte, vivia uma noite de euforia. Não faltavam razões para isso: Luisinho, agora o seu mais famoso morador, acabara de ser convocado como quarto-zagueiro titular da Seleção Brasileira.

Mesmo que não houvesse tanta festa, quem poderia pensar que dona Norita teria sono? A cabeça de dona Norita, naquele momento, estava confusa. Misturavam-se os pensamentos, pois tudo acontecera tão ligeiro. Seis meses atrás, ela e seu filho Luisinho — o Zinho, como prefere chamá-lo — abraçavam-se ao lado do caixão do pai do garoto. O que ele seria na vida? Padre, de acordo com um projeto da infância, época em que servia de coroinha nas missas da Igreja de Nossa Senhora do Pilar? Mecânico, que nem acreditaria depois, ao fazer um curso no Senai? Ou jogador de futebol?

Profissão arriscada, matutava dona Norita. Seria melhor que o menino criasse juízo e se dedicasse a um ofício capaz de lhe proporcionar segurança. Ou então que fosse para o seminário de uma vez por todas, se essa era realmente sua vocação.

Os fatos caminharam mais depressa do que suas reflexões. De repente, Luisinho se tornava o moço mais falado de toda Nova Lima. Quem gostava de futebol o conhecia desde os tempos de dente-de-leite no Villa Nova, o glorioso "Leão do Bonfim". Tinha até seus admiradores, que se lembravam do dia em que ele, deslocado do ataque para a zaga, dera uma entrada no artilheiro adversário que levantou poeira no campo de grama escassa, saíra jogando com a bola dominada e fizera a torcida se erguer de entusiasmo nas pequenas arquibancadas do estadinho.

Apesar disso, ninguém esperava que alcançasse um sucesso tão rápido na carreira que, para aflição de dona Norita, resolvera seguir. Aos 19 anos, em 1978, ele assinou o primeiro contrato de profissional, com salário de 4 mil cruzeiros por mês. Um bom dinheiro para quem morava apertado na casa dos avôs. Ao todo, 13 pessoas se espremiam em seus quartinhos. Pouca coisa, porém, para os projetos que, secretamente, dona Norita idealizava para o filho. Por que o Zinho não se interessava mais pela mecânica? Isso de futebol não devia ter futuro.

FOTOS AUREMAR DE CASTRO

Tinha. Mal Luisinho se profissionalizou, Santos e Cruzeiro mostraram interesse por ele. Só que o Atlético foi mais rápido e o contratou por 800 mil cruzeiros. Ele passou a ganhar seis vezes mais e, com o dinheiro da transferência, comprou uma casa para a família, que deixou de viver amontoada. Depois, comprou um carro — e parou de andar de ônibus.

Mudou a vida de todo mundo. Luisinho, em pouco tempo, foi corrigindo seus defeitos, transformando-se num zagueiro seguro, técnico e tranqüilo, o que não o impedia de dar chutões nos momentos necessários. O Atlético, com a chegada de Osmar, meses após, formou uma respeitabilíssima dupla de beques. E dona Norita, em casa nova, passou a achar que, pensando bem, o lugar do Zinho não era exatamente numa sacristia ou numa oficina.

Era num campo de futebol. "E na Seleção", acrescentavam Osmar e o técnico Procópio. Embora não concordasse, Luisinho admitia que talvez o chamassem para o selecionado de novos. Quando, enfim, a notícia chegou do Rio de Janeiro, Luisinho e dona Norita nem quiseram acreditar. Para que se convencessem, foi preciso que Nova Lima saísse às ruas e os carros da cidade buzinassem na porta de sua casa. Os dois então se abraçaram outra vez e começaram a chorar.

Quando a notícia chegou do Rio, Luisinho e dona Norita nem quiseram acreditar. Foi preciso que Nova Lima saísse às ruas e os carros da cidade buzinassem na porta de casa

Luisinho: classe, habilidade e desarmes sem violência

O "Goleiro de Deus" ocupou durante 13 anos o gol do Galo e apenas por quatro vezes deixou escapar o título mineiro. Excelente nas defesas de pênaltis e na colocação sob a meta, João Leite chegou à Seleção, onde foi duramente criticado. Dentro de campo, um guerreiro. Fora de campo, um lorde.

Chega de dar a outra face

O GOLEIRÃO FICA COM MEDO DE NÃO VOLTAR À SELEÇÃO E, APOIADO POR ELIANA, SUA MULHER, ABRE O BERRO. EVANGELHO À PARTE

POR SÉRGIO AUGUSTO CARVALHO

Quando chegou a Belo Horizonte com o polegar da mão esquerda engessado e um indisfarçável tom de tristeza na voz, João Leite, 25 anos, aspirante a uma vaga na Seleção Brasileira, encontrou em casa o apoio de que precisava para clarear as idéias:

Eliana, sua mulher, titular absoluta da Seleção Brasileira de vôlei. "Meu bem", consolou-o, "naquele jogo com a Colômbia, só chutaram em você aquela bola que deu em gol?" Não, respondeu, fizera defesas perfeitas em lances semelhantes. No gol, fora deslocado quando estava no ar. Em sua opinião tinha saído certo no lance. E Eliana: "Então, meu bem..."

Eliana começava a fazer sua cabeça, e dos diálogos seguintes emergiu um homem confiante. Mais: João Leite transmite a impressão de não querer permitir que sua imagem de religioso, divulgador da Bíblia, se confunda com a do profissional, empenhado numa feroz competição. O Goleiro de Deus, na realidade, é um homem comum, sensível às críticas, e teme perder a posição.

Quando ele voltou, Eliana tinha organizado um dossiê completo sobre o procedimento da imprensa em relação a ele. Leu, ouviu relatos da mulher e concluiu que querem prejudicá-lo. "Nunca dei entrevista nenhuma dizendo que assumia a culpa pelo gol da Colômbia", garante, referindo-se à matéria de um jornal. Reclama de uma tevê por ter omitido a pergunta do repórter e colocado no ar declarações suas que dariam a impressão de aceitar passivamente a barração. E, na TV Alterosa, de Belo Horizonte, protestou contra uma crônica de Carlos Maranhão, de PLACAR, publicada num jornal de Caracas, julgando-o sem condições para ser titular da Seleção. Isto é: João Leite chega a exagerar a importância da imprensa — um lamentável equívoco, pois se sabe que Telê escolhe os titulares com base em suas atuações.

De qualquer forma, é certo que as palavras de Eliana ajudaram a lhe devolver a tranqüilidade. "O João é honesto, é capaz de reconhecer uma deficiência. Se ele diz que não falhou, acredito", afirma. E raciocina para ele:

"Além de tudo, num time jogam o goleiro mais dez, né? E os outros?" Ao que João Leite acrescenta: "Lá na frente, perdem gols um atrás do outro. Levo um aqui atrás e só eu sou o culpado?"

Mas não é apenas com consolos que Eliana procura ajudar o marido. Em 1979, ela assistiu à derrota do Atlético para o Inter, no Mineirão, em que Bira marcou dois gols. No primeiro, Bira saltou com Osmar na pequena área e cabeceou para as redes, enquanto João Leite ficava parado debaixo dos paus. "O Bira empurrou o Osmar, mas o que importa foi o que a Eliana me falou naquela noite. Ela contou que, no vôlei, quando vem uma bola em sua direção, não espera que uma companheira defenda. Ela mesma se antecipa e corta a jogada. E me disse que, naquela bola, eu devia ter me antecipado ao Osmar e ao Bira. Ela tinha razão. Hoje, aplico essa técnica do vôlei. Nunca espero que alguém defenda por mim."

Aprendeu mais com Eliana, como, por exemplo, a defender bolas arremessadas de cima para baixo — o mais comum do vôlei, mas cuja técnica só se domina com exercícios muito especiais.

Contudo, é na técnica de se defender contra críticas e pressões — reais ou imaginárias — que João Leite mais aprendeu com Eliana. "Ela me disse que as minhas atuações na Seleção foram poucas e ninguém poderia fazer um juízo perfeito da minha capacidade. E tem razão." "O Leão nunca falhou na Seleção?", arremata Eliana.

Mas há um outro aspecto na questão, e nesse sua mulher sente não poder entrar: o relacionamento dos jogadores. João Leite se queixa da falta de um entendimento mais íntimo no time, aquilo que, segundo ele, deixa os jogadores à vontade para fazer críticas ou conversar sobre atuações individuais. "Eu, na verdade, não me sinto à vontade nem para gritar com o Oscar durante um jogo, para orientar ou avisar que estou na jogada. No Atlético, eu faço isso com o Osmar. Na Seleção, é diferente e, talvez, não sei, isso possa ser motivo de alguma falha na defesa."

Dia 9, João Leite garante, estará se reapresentando à Seleção, em Poços de Caldas, já recuperado da fissura no polegar. Diz que terá muito cuidado em tudo que fizer ou disser. Isso, porém, não o impede de afirmar: "Tem gente querendo mudar o time. Há má vontade contra os mineiros". O profissional João Leite, de fato, não aplica ao futebol o ensinamento evangélico que manda o cristão agredido numa face oferecer a outra.

"Lá na frente, perdem gols um atrás do outro. Levo um aqui atrás e só eu sou o culpado?

Debaixo do gol, João Leite era quase imbatível. Já nas bolas cruzadas na área, causava calafrios

Éder Aleixo era um jogador superlativo. Tinha um dos chutes mais fortes do futebol, era um dos mais perfeitos lançadores, foi considerado um dos jogadores mais bonitos do Brasil – e conseguia se meter nas mais endiabradas confusões dentro e fora de campo. Por tudo isso, virou ídolo de primeira grandeza no Galo.

RODOLPHO MACHADO

Aprendendo na marra

POR SÉRGIO AUGUSTO CARVALHO

ÉDER AINDA SE ENERVA E PROVOCA CONFUSÕES. MAS SUA LUTA PARA MELHORAR A IMAGEM CHEGA A SER COMOVENTE. E JÁ DEU LUCROS: ELE É O DONO DA CAMISA 11 DA SELEÇÃO

Num dia do ano passado, Éder foi para o Mineirão enfrentar o Flamengo-PI e, quando saiu do estádio, levava junto as vaias da torcida e a tristeza de ter sido um dos piores em campo. Não correu nada e errou os chutes — embora tenha acertado o passe para um dos gols da vitória de 2 x 0. Pegou o carro e foi direto para Vespasiano. Élton e Éber, seus irmãos mais novos, estavam lá, com os velhos, dona Zilda e seu Aleixo.

— Sentei na sala, triste, cabisbaixo. Aí, minha mãe virou pra mim e disse: "Você não jogou nada hoje, hein, filho?". Ah, aquilo para mim foi como abrir uma torneira. Comecei a chorar que ninguém conseguia me fazer parar. Quando melhorei, olhei para o maço de cigarros que estava em cima da mesa e falei: "É essa porcaria que está me atrapalhando. Nunca mais vou fumar". E nunca mais fumei.

Eram 40 Carlton por dia, que lhe tiravam o fôlego no jogo e nos treinos — seu Cooper, 2 900 m em 12 minutos, era dos piores, e seu tempo nos 5 000 m, fraco: 23 minutos. Cortado o cigarro, passou a fazer 3 200 m no Cooper e baixou o tempo dos 5 000 m para 18 minutos. Sua resistência pode ser medida por outros dados, apresentados pelo preparador físico Antônio Lacerda: sua pulsação em repouso era de 60 batidas e baixou para 54; a pulsação vai a 180 batidas depois de um esforço, mas cai rapidamente para 120. E, para arrematar, Éder passou dos 73 para 76 kg — ganhou 3 kg só de músculos.

A batalha contra o fumo não foi a única movida por Éder Aleixo de Assis, 23 anos (25/5/57), na dura jornada que levaria o garoto bom de bola revelado pelo América-MG em 1976 a titular da ponta-esquerda da Seleção em 1981. Aconteceu, também, uma luta íntima contra o gênio explosivo. Xingava cartolas, brigava com juízes, discutia com técnicos, desrespeitava adversários, treinava pouco.

— Não sou mais aquele. Não mudei completamente, porque isso ninguém consegue, mas já posso prever quando vou errar e boto em funcionamento os meus botões de controle. Às vezes, não consigo, mas acho que já progredi.

Não se vê mais, por exemplo, o rapaz que, a qualquer contrariedade, acabava com os treinos do América chutando todas as bolas para fora do estádio — e saía sem dar ouvidos às palavras do dirigente e amigo Luís Marcus: "Com esse gênio você não vai chegar à Seleção, não vai chegar a lugar nenhum". Mas qual foi o segredo da transformação do Bomba Santa, como o chamam hoje os locutores, a ponto de ter nivelado sua importância à dos antes incomparáveis Cerezo e Reinaldo?

— Ela começou a nascer quando me vi sozinho, em Porto Alegre. Havia dias em que eu chorava, em que só faltava explodir de vazio. Qualquer pessoa me convidava para sair e eu ia correndo.

Em meio às angústias, aprontava das suas. Até que Tadeu Ricci, seu companheiro de time, lhe apresentou Norma, uma irmã de caridade, que lhe dava livros, conselhos "e me ouvia com uma calma tão grande que eu passei a suportar tudo e a entender melhor as coisas da vida". Em meio à compenetração, porém, sofreu um golpe: depois de uma ida a Belo Horizonte, reapareceu em Porto Alegre com o braço no gesso. Tinha sido baleado.

— Fizeram uma onda danada com aquilo. E era uma história simples. Eu e o Marcelo, esse do Botafogo, saímos de uma boate com nossas garotas. Cada um foi para seu carro. Quando eu ia entrar no meu, ele deu sinal de luz: estava sendo assaltado. Corri para os ladrões e levei bala. Uma delas me quebrou o braço.

Quando, em 1980, o Grêmio trocou-o por Paulo Isidoro — "eu ia para o Atlético, o time do meu coração" — sentiu que era hora de aumentar a força de vontade para controlar os nervos.

— No Grêmio, briguei até com o Telê. Certa vez, o presidente chegou na concentração e me disse que eu estava fora do próximo jogo. Pensei que era ordem do Telê e criei um caso dos diabos. Mas era tudo coisa do diretor de futebol, um tal de Nélson Olmedo, que me detestava.

Como as mudanças de comportamento não acontecem da noite para o dia, Éder também criou seus casos no Atlético. Em agosto de 1980, na excursão à Europa, resolveu bancar o peladeiro no jogo contra o Twente, da Holanda, foi repreendido pelo técnico Procópio Cardoso e respondeu: "Eu jogo como quero e você não se mete". Procópio tirou-o do time — mas dias depois, convencido por Chicão, Osmar e

Caçado em campo: o drible curto não era a sua especialidade, mas Éder compensava a deficiência com passes e lançamentos precisos e um petardo de canhota

Palhinha, reuniu a turma e pediu desculpas ao técnico na frente de todos.

— Ele é igual ao pai — define-o dona Zilda. — É extremamente nervoso, mas dono de um grande coração.

No Campeonato Mineiro, Éder foi o artilheiro do Galo, com 13 gols. E, enquanto disputava com Zé Sérgio a posição de titular da Seleção, em Minas garantia o troféu de melhor ponta-esquerda, superando o genial Joãozinho. Na festa das faixas, porém, quando o Cruzeiro tentava meter seu carimbo azul onde só havia branco e preto, Éder montou seu próprio espetáculo, com a duração de apenas 20 minutos: fez o primeiro gol e foi comemorar com a torcida — levou o cartão amarelinho; fez o segundo, de falta, e voltou a comemorar com o povo — levou o vermelhinho.

— Os juizes vêm pra cima como se não gostassem de mim — lamenta.

Éder não discute apenas com adversários. No último jogo contra o Flamengo, passou o primeiro tempo aos gritos com Palhinha, quase partiu para a briga. No intervalo, o técnico interino Antônio Lacerda chamou-o e, aparentemente, convenceu-o de que aquilo só interessava ao adversário. Éder voltou para o segundo tempo aos gritos com Reinaldo.

— Mas tem que gritar mesmo. Já imaginou perder um gol porque um não advertiu o outro? — defende-se.

— Adoro o Éder, apesar das brigas — revela Palhinha, num tom paternal. — Ganhei a confiança dele, que é um cara desconfiado. Até trocamos confidências.

— Não importa o gênio — argumenta Reinaldo. — O que importa é que ele é um jogador perigosíssimo, que decide jogos.

Sempre decidiu. Em cobranças de escanteios — que ele treina três vezes por semana — marcou dois gols nos tempos do Grêmio. Já no Galo, marcou três e acertou a trave seis vezes. Falta ou escanteio a favor do Atlético provoca esse grito dos locutores: "Lá vai Éder cobrar. É meio gol".

Assim, se alguém supõe que o Atlético pensa em se desfazer de Éder porque ele não aprendeu todas as lições da freira de Porto Alegre, engana-se. Como se desfazer do jogador — ou melhor, do homem — que, na Seleção, vivia telefonando para saber como estava o time? E que voltou da Bolívia com o pé inchado, embarcou para Cuiabá e, no jogo em que o Galo precisava vencer o Mixto para se classificar, marcou três gols daqueles 4 x 1? "Pode ser que ele nos incomode um pouco, mas incomoda muito mais os adversários", costumam dizer os dirigentes.

Éder gosta dessa frase. Mas, como só ele sabe o quanto lhe custa ser um verdadeiro atleta e controlar os nervos, gosta mais quando ouve alguém dizer: "O Éder não é mais aquele".

Ponta-esquerda genial e playboy tímido, o craque passava pelo pior momento de sua vida. Pais recém-separados, noivado desfeito, atrito com a diretoria, e, o pior, desempregado. Éder não queria mais jogar no Galo – e ninguém queria Éder. Dispensado, voltaria ao clube para ser campeão mineiro em 1989 e 1994.

O desabafo de Éder "É duro descobrir que você não é nada"

EM DRAMÁTICO DEPOIMENTO AO REPÓRTER MARCELO REZENDE, O PONTA-ESQUERDA DO ATLÉTICO-MG E DA SELEÇÃO CHORA E MOSTRA SEU DESAMPARO: "ESTOU À BEIRA DO DESESPERO"

Éramos os dois, sozinhos, na ampla sala da mansão do ponta-esquerda Éder, em Belo Horizonte. A pouquíssima luz carregava ainda mais o ambiente.

Éder Aleixo de Assis, 28 anos, mineiro de Vespasiano, levantara surpreendentemente às 7 da manhã, fugindo ao velho hábito de só acordar depois das 10, nos dias em que não treina. Tomara um frugal café da manhã e esperara, por 2 horas, o momento de contar sua vida de desempregado, jogador famoso sem contrato com seu clube, o Atlético-MG.

Extremamente polido, voz baixa, mandou servir refrigerantes e rissoles, feitos pela mãe, dona Zilda. Foi claro: ganhava 30 milhões de cruzeiros por mês e quer 100 milhões para continuar. Está cansado de ser vaiado, excomungado pela sua torcida. Diz que, para passar tanta "humilhação", só ganhando uma fortuna.

Como o presidente do Atlético, o libanês Elias Kalil, não concordou, o craque está sem contrato desde o dia 22 de maio passado. Pior: o dirigente quer que ele devolva 24 milhões de cruzeiros que recebeu do clube como adiantamento para comprar um terreno. Chamado de "caloteiro" por Kalil, Éder jurou nunca mais vestir a camisa do clube que defende desde 1980. Prefere ficar sem time, esperando que seu passe, em janeiro próximo, diminua seu valor para a metade – segundo o clube, Éder vale 5 bilhões de cruzeiros, segundo ele mesmo, são 3 bilhões.

Na verdade, hoje essa é uma discussão secundária para esse craque em crise, vaiado recentemente também na Seleção – um homem que, no sofrimento, no ostracismo, quase perdeu a noção de seu valor.

"Não estou preparado para encarar a vida. Descobri isto agora, aos 28 anos de idade. Vivi a ilusão de que jamais me faltariam clubes, aplausos, apoio e, em pouquíssimas palavras, posso definir o meu momento: estou à beira do desespero. Tenho extremo cuidado de não expor publicamente minhas fraquezas, encantamentos, fantasias, mas este isolamento forçado, este afastamento prolongado da rotina do futebol, deixou-me indefeso, como se falasse e ninguém me escutasse, angustiado. Eu me sentia grande, forte, falando com os pés. Calaram-me.

Eu me imaginava sempre na rota do sucesso. Ao romper com o Atlético, tinha certeza de que logo surgiria um grande clube para me comprar. Não apareceu um, um sequer. Fui esquecido, virei marginal dentro da única coisa que sei fazer – jogar bola. Eu, o Éder requisitado, amado, acarinhado, cobiçado, estou com medo.

Rapaz, se eu continuar assim vão ter de me internar. Pode soar como brincadeira, mas é a pura verdade. Não é só a falta de futebol. É que esta situação atípica me deixou de frente com a pior realidade, a de que não estudei, não me preparei, jamais me ensinaram qualquer coisa que um homem comum aprende desde menino.

Estou me sentindo um homem de 28 anos que simplesmente não sabe fazer nada. Sinto-me um inútil. Imagina você, sempre amado, aplaudido, ver isto parar de repente e não conhecer uma só profissão, não gostar de ler, não entender de negócios, transformar-se num marginal.

Penso: mas tenho dinheiro, faço o que quero. Tolice. Até quando o dinheiro vai durar? E qual a felicidade de um homem, jovem, disposto, inteligente, se não tem utilidade, não tem profissão? Minha inteligência foi toda para jogar futebol.

Penso como cheguei neste ponto. Sei que tive erros, estou jogando mal há um ano, mas a grande culpada foi a torcida do Atlético, que não me poupou um só instante neste tempo. Depois, com a Seleção, a coisa aumentou: vaias, xingamentos. Mas a grande culpada foi a torcida do Galo. Entendi que torcida é assim mesmo: só existe o presente.

As mãos que me aplaudiram iam à Toca para me vaiar. Eu disse ao presidente Elias Kalil: 'Só fico se ganhar muito, muito dinheiro, pois para aturar tanto desaforo só muito bem pago'. Ninguém quis saber por que estava jogando mal. *(Éder hesita, pede para mudar de assunto. Ele tenta escapar, fala do pool que trará Sócrates e Falcão. Mas reata o tema.)* A separação dos meus pais, no dia 9 de dezembro do ano passado, me perturbou como nada jamais havia me perturbado. Apesar desta imagem de boêmio, de festeiro, eu sou caseiro, adoro meus dois irmãos, minha mãe. Mas a cena ficou incompleta: meu pai (José Aleixo de Assis) saiu de casa justamente no mês do Natal. Não consigo me recuperar e vejo a mãe (Zilda) também tonta: ela ama meu pai, nós amamos meu pai e ele não nos quer. Ele casou com uma moça de 33 anos, pouco mais que minha idade.

Você tem pai? Você gosta de seu pai? Ele

Éder sofria com a geladeira imposta pelo presidente Elias Kalil. Só voltaria a sorrir na Inter de Limeira

conversa com você? A presença física dele em casa te dá segurança? Pois meu pai era e é tudo isso para mim, para nós. Com ele eu falava de futebol, íamos juntos aos jogos. Eu me sentia superseguro. E ele nos deixou de repente, eu tinha comprado esta casa para morarmos todos juntos. Aquela cadeira... rapaz, sou emotivo...

(Éder tampa o rosto com as duas mãos e chora. E mostra os olhos vermelhos, as lágrimas correndo pelo rosto. Me encara.)

Estou chorando, viu o que você fez? Desculpe, você não fez nada. Tenho uma bruta saudade do meu pai. Já andei procurando o velho por Belo Horizonte, mas ele parece que não quer me ver.

Não sei qual será meu futuro e isso é assustador. Estou sem ganhar dinheiro, as economias estão só indo. Gasto 10 milhões de cruzeiros por mês para manter a casa. Tenho um padrão alto de vida e já conversei com a mãe: vamos fazer economia, até eu resolver minha situação. Tenho um ótimo patrimônio.

Houve também lances bons como na Seleção, apesar do meu fraco desempenho. Na Toca da Raposa eu vivia me escondendo pelos cantos, queria ser o menos notado possível. Era duro encarar tantas críticas que eram verdadeiras. Casagrande e Renato, apesar do jeitão de malucos, me davam força, até com brincadeiras como 'Quando é que você vai acertar um cruzamento, hein?', 'Sai de perto de mim que só ando com craque'. Mas forte mesmo foi Telê Santana, baita técnico, grande amigo. Ele me chamou para conversar, perguntou que problema eu tinha. Ele sabia que a separação dos meus pais estava acabando comigo, mas fingiu não saber. Eu disse que estava tudo bem e ele apenas pousou a mão no meu ombro e falou: 'Éder, ninguém vai te tirar do time. Você fica até o fim como meu titular'. Além disso, eu tinha terminado meu noivado.

Outro dia, vou almoçar na casa do Rômulo, do Vasco, lá no Rio, a empregada dele me olhou com uns olhos arregalados e, mais tarde, o Rômulo me ligou: 'Éder, minha empregada é espírita e, ao te ver, começou a passar muito mal, teve de chamar gente para socorrê-la. Ela disse para você falar com ela'. Não falei, sabe, eu estou mesmo carregado, preciso tomar um banho de descarrego, uns saravás. Deve ter algum olho grande em cima de mim. Nunca vi tanta coisa ruim em tão pouco tempo." ○

Apesar de ter vivido – segundo os cruzeirenses – sua melhor fase vestido de azul, foi no Galo que – segundo os atleticanos – o craque recebeu o tratamento que um ídolo merece. Chute fortíssimo, lançamentos precisos e seriedade: o bastante para ser considerado o maior lateral-direito da história do alvinegro.

Chutão na política

AOS 35 ANOS, O LATERAL-DIREITO DO ATLÉTICO FALA EM DEIXAR O FUTEBOL E DISPUTAR UMA VAGA DE DEPUTADO ESTADUAL EM MINAS

POR ZINHO SIQUEIRA

Nos últimos 20 anos, ele foi o único jogador negociado diretamente entre os dois clubes arqui-rivais de Minas Gerais. E também recordista de títulos mineiros: quatro no Cruzeiro e igual número pelo Atlético. Agora, perto de parar de jogar futebol, pensa em ingressar na política. Quer sair candidato a deputado estadual pelo PDT, partido do governador Leonel Brizola, nas eleições de novembro.

Não se pode garantir que a fama construída ao longo de 15 anos de carreira vá assegurar ao cidadão Manuel Rezende Mattos Cabral uma cadeira na Assembléia Legislativa mineira. Mas Nelinho já tem cadeira cativa na galeria dos grandes chutadores do futebol brasileiro em todos os tempos. Figura, sem susto ou injustiça, ao lado de nomes como Jair Rosa Pinto, Pepe ou Roberto Rivelino. Fazer uma bola transformar-se numa espécie de míssil, viajando a velocidades superiores aos 100 km horários, para eles, não tinha ciência.

Mas, aos 35 anos, o jogador que aterrorizou goleiros do mundo inteiro — entre eles o italiano Dino Zoff e o argentino Ubaldo Fillol — é um homem tranqüilo.

Trocou o Cruzeiro pelo Atlético em 1981, por não aceitar os métodos prussianos de Iustrich, então treinador cruzeirense. Na época, foi acusado de rebelde. Hoje, gosta mesmo de uma boa vidinha em família.

Vida cotidiana

"Não gosto de sair", informa. "Adoro ficar com minha mulher e as crianças vendo televisão e sem me importar muito com o que está passando. Pode ser até desenho animado."

Sua mulher, a bailarina Wanda Bambirra, confirma as palavras de Nelinho. "Nada tenho a reclamar do marido, do pai e do companheiro." O casal tem três filhas: Huanda, de 4 anos, Manoella, de 2, e Nathalie, de 7 meses. A família ocupa uma ampla casa na Pampulha, um dos bairros nobres de Belo Horizonte. Brincando, Nelinho costuma dizer que são dez mulheres contra ele: a esposa, três filhas, três empregadas e três cadelas da raça pastor alemão. "Mesmo assim nunca fui tão feliz", diverte-se ele.

Brincadeiras à parte, a verdade é que Nelinho participa ativamente das tarefas cotidianas da casa. É ele, por exemplo, quem faz pessoalmente as compras no supermercado. Além disso, ajuda a mulher a administrar a academia de dança, que possuem no bairro Sion, zona sul da capital mineira, uma das mais requisitadas da cidade. Além da academia — instalada num belo prédio de três andares —, o jogador é proprietário de diversos imóveis em Belo Horizonte. Como era de esperar, não revela o montante de seus vencimentos. "O Leão está de olho", disfarça — e alega, em tom irônico, que recebe 5 milhões de cruzeiros mensais no Atlético.

Com o término do contrato marcado para julho, ele já não treina com o empenho de antigamente, quando, depois dos bate-bolas ou coletivos, ficava horas aperfeiçoando o poderoso chute de direita. "Se acertava meus chutes é porque eu treinava muito", argumenta. "Agora já não treino tanto. Tem sempre um machucadinho para atrapalhar." Apesar disso, Nelinho foi eleito o melhor lateral-direito de Minas no ano passado. Também reconhece que a potência do chute não é mais a mesma de antes, embora desmentido por um companheiro, o goleiro João Leite. "Ainda bem que não tenho mais de enfrentá-lo", afirma João. "O chute dele ainda é terrível."

Sangue político

Para Nelinho, esta falta de pique para treinar é mais um sintoma de que a hora de pendurar as chuteiras está-se aproximando. Será, então, o fim de uma carreira invejável. Como profissional, ele já vestiu a camisa de oito equipes: América-RJ; Barreirense, de Portugal; Anzoategui, da Venezuela; Bonsucesso; Remo; Cruzeiro; Grêmio; e Atlético. E participou de duas Copas do Mundo: em 1974, na Alemanha, e em 1978, na Argentina. De acordo com sua contabilidade, marcou cerca de 200 gols, embora fosse sempre lateral-direito, posição de raríssimos artilheiros.

Parando de jogar, Nelinho pretende continuar ligado ao esporte. Procópio Cardoso, atual técnico do Cruzeiro, alimenta a idéia de convidá-lo para ser seu auxiliar. "Ele tem muito o que ensinar aos jogadores mais jovens", afirma. Aliás, as trajetórias de Nelinho e Procópio convergem para um ponto comum: eles foram os dois únicos jogadores negociados diretamente entre Atlético e Cruzeiro.

Mas o sangue político da família de sua mulher pode falar mais alto. Wanda Bambirra é sobrinha de Theotônio Santos, candidato do PDT ao governo de Minas, em 1982. E um primo dela, Sinval Bambirra, é antigo militante sindical. Nelinho pensa seriamente na possibilidade de defender os direitos dos jogadores na tribuna da Assembléia Legislativa. Se eleito, sabe que pontos irá atacar primeiro.

"Eu defenderia o passe livre para o jogador em bases parecidas com as que existem atualmente na Europa", planeja. "Não é certo o que fazem aqui no Brasil. Veja o caso de Éder: estão tentando encerrar a carreira dele. Pedem um preço absurdo que ninguém pode pagar."

Na verdade, tais questões não são da alçada de um deputado estadual. Mesmo assim, ele se anima com a perspectiva de poder fazer algo de concreto pelos outros:

"Como deputado, poderei ajudar a melhorar, de fato, a vida das pessoas neste nosso país".

SÉRGIO BEREZOVSKY

Nelinho e sua direita fantástica: um dos maiores chutadores do planeta

"Se acertava meus chutes é porque treinava muito. Agora já não treino tanto. Tem sempre um machucadinho para atrapalhar"

Da arquibancada, os desavisados confundiam o físico daquele jovem forte, de cabelo baixo e testa grande com o do ídolo Reinaldo em seus últimos anos. Só que Elzo, que brilhou no Galo de 1984 a 1987, era outro cara: um volante determinado, que não brincava em serviço. Tanto que chegou à Seleção e foi à Copa.

Elzo, a revelação

UM ILUSTRE DESCONHECIDO NA HORA DA CONVOCAÇÃO, O JOGADOR JAMAIS DEIXOU DE CONFIAR EM SUA VONTADE DE VENCER E TORNOU-SE PEÇA FUNDAMENTAL NO TIME

POR MARCELO REZENDE

A primeira pergunta que o apoiador Elzo respondeu ao se apresentar em fevereiro à Seleção Brasileira foi esta: "Você é o único jogador convocado para ser cortado. Como se sente numa Seleção em que ninguém te conhece?" O mineiro Elzo Coelho deu um sorriso discreto e, com a voz enérgica, não vacilou: "Vou estar entre os 22 que irão à Copa do Mundo".

Ao ficar entre os 22 que foram ao México, Elzo não esperou microfones e se antecipou: "Vou ser um dos 11 titulares".

Ao pisar em solo mexicano, com a mais segura das atitudes, surpreendeu a todos: "Vou ser o melhor do Brasil".

Frases corajosas

Na semana passada, o Brasil venceu a Irlanda do Norte por 3 x 0 e terminou como primeiro classificado do Grupo D. Seus destaques: o zagueiro-central Júlio César, o centroavante Careca e, lógico, o apoiador Elzo. Aí, com seu 1,76 m e 76 kg, Elzo, 25 anos, disparou frases que em outra boca poderiam causar dúvidas. Exemplos:

"Naquela Seleção de 1982 eu teria vez. É só lembrar que o Brasil perdeu para a Itália por erros de marcação. Se em campo estivesse um jogador como eu ou Batista, teríamos sido campeões."

"Eu jamais digo que sou o melhor do mundo ou mesmo o melhor do meu time. Tento provar em campo minhas virtudes. Eu me acho um jogador de primeira linha, sei muitas coisas de outras posições. Sei marcar, chutar, penetrar e dominar uma bola. Não dou passes na dúvida: toco para o lado. Mas tenho uma certeza ao tocar para o lado: meu time continua com a bola."

Frases como essas poderiam deixá-lo mal visto pelos companheiros. Quem supõe algo desse tipo incorre em alguns erros. Para começar, as declarações de Elzo carregam até mesmo certa ingenuidade — ele as faz por se sentir sempre na mira dos críticos. Elzo busca sempre incluir companheiros em suas vitórias e, não raramente, rasga-se em elogios a outros estreantes como ele — caso de Júlio César — ou curva-se diante de craques, como Zico e Sócrates.

Elzo é curioso até mesmo em sua obsessão de vencer: diz não se importar com as perguntas ofensivas, como aquela de sua apresentação à Seleção. Sua estratégia é dar tempo ao tempo, cumprimentar diplomaticamente seus críticos mais acirrados e conquistar-lhes a confiança.

"Teve jornalista que, ao me encontrar cara a cara, pensou que iríamos brigar de soco", conta. "Pois eu fiz questão de me adiantar e dizer: 'vou te mostrar como jogo bem'."

Ótimo rendimento

Contra os irlandeses, Elzo retomou 20 bolas, deu 12 passes certos, errou três. Contra a Argélia, quando foi festejado como o melhor em campo, retomara 30 bolas e errara apenas um passe. Ao fim de cada partida, vai olhar a estatística feita pelo preparador físico Moracy Santana e, ultimamente, andava saindo embevecido com seu próprio rendimento. Mas não pára nem mesmo se deixa levar pelos elogios.

"Gosto mesmo é de ver que os jornalistas que me criticavam, agora, se preocupam com a simples perspectiva de eu ter uma contusão e ficar de fora da equipe", diz com uma ironia tão mordaz como a de alguns comentaristas.

Ocorre que Elzo, fora de campo, é bem diferente daquele que aparece na televisão. Lá dentro, ele é até um pouco truculento, faz faltas, entra de cabeça em bolas baixas, apresenta uma desenvoltura inesperada. E este não é o Elzo à paisana: muito cordato, bem preparado, capaz de criar teses, apresentar raciocínios e evitar pequenas rusgas que lhe poderão trazer problemas.

Foi com o pai, Aristides Coelho, de 62 anos, que Elzo aprendeu a ser respeitoso, firme em suas atitudes. Quando menino, Elzo teve uma vida de rigor: horários a cumprir e estudos sempre em dia para uma sabatina. Aos 8 anos, tomou uma bebedeira de vinho e o pai não o surrou nem reclamou: ficou três dias de castigo sentado numa cadeira. Rapaz ainda, com 18 anos, jamais saiu de casa sem tomar a bênção e seu horário noturno era bem rigoroso: das 19 às 21 horas. Homem feito, ainda hoje só sai de casa à noite depois de avisar o pai da hora da chegada. Se se atrasar e não avisar, dorme na rua.

Sempre foi assim: o pai manteve os 13 filhos sob sua batuta. A maioria está formada. Elzo trancou matrícula no terceiro ano de Economia. Agora mesmo, no México, Aristides mandou o irmão mais velho de Elzo, José Reis, de 38 anos, ir visitá-lo em Guadalajara e ver se "seu menino estava bem". Dias mais tarde, José Reis voltou com boas notícias. E, ao surgir o boato de que Elzo teria brigado com Leão num jogo de cartas — os dois, na verdade, detestam baralho —, logo Aristides ligou para a concentração para esclarecer "certas dúvidas".

Por isso, Elzo quase não deixa a concentração. Desde o dia 10 do mês passado, só se encontrou uma vez com uma menina mexicana.

Outras folgas perderam-se em uma e outra volta pelo centro da cidade, ou um jantar com o irmão, no qual consumiu duas cervejas. O resto é muita concentração. Dorme, para espanto geral, no máximo às 21 horas — e já às 7 da manhã está acordado e pronto para as ordens de Telê Santana.

AMANCIO CHIODI

"Não dou passes na dúvida: toco para o lado. Mas tenho uma certeza ao tocar para o lado: meu time continua com a bola"
ELZO

Extensão de Telê

É exatamente nesta seriedade de Elzo que o técnico se projeta: na realidade, trata-se de uma extensão do que Telê foi nos tempos de jogador. Quieto, sem maiores alardes, sem farras. Telê, desde o primeiro momento, teve em Elzo a segurança para seus planos defensivos. Elzo sabe disso: "Telê sempre me viu no Atlético e sabe como cumpro os esquemas".

Um grande time é formado por alguns poucos craques e outros jogadores de esquema. Elzo entra agora na segunda categoria, mas, antes da partida contra a Polônia, estava certo de que terminaria a Copa no primeiro escalão. Não lhe faltavam alguns argumentos: iniciou a carreira aos 18 anos, quando fugiu de casa, contrariando o pai, e foi jogar no Pinhalense, da Segunda Divisão de São Paulo. Lá fez nome e mereceu um chamado para a Seleção Brasileira de juniores. Foi comprado pela Internacional de Limeira (SP) justo no momento em que sofria forte contusão no joelho direito: operou ligamento e meniscos, fez enxerto na região e parecia condenado a não mais jogar. Estreou na Inter um ano depois, em 1981. Em 1983, esteve com um pé no Palmeiras de Rubens Minelli, mas, no começo de 1984, por empréstimo, acabou no Atlético-MG. Em 1985, alcançou a glória. Seu passe foi comprado por 130 000 cruzados, foi escolhido o melhor jogador do campeonato mineiro e ganhou 21 auto-rádios em partidas do regional e da Taça de Ouro.

Vencia então um trauma do próprio Atlético: faria a torcida esquecer Toninho Cerezo. Mas nem assim ele acreditava na convocação para a Copa. Foi o aguerrimento de Elzo que convenceu Telê e agora já chegou a encantar a torcida brasileira. Claro que Elzo não é um jogador de toque requintado, capaz de surpreender com um lançamento, ou mesmo com um belo drible, pois afinal ele só tem uma jogada: passar o pé em cima da bola e tentar, com sorte, enganar com o corpo o adversário. Como também é claro que Elzo, o mais criticado entre todos os criticados, venceu por esforço próprio, por um futebol que contribuiu para a saúde defensiva do Brasil.

Assim como é claro que hoje Elzo jamais ouvirá aquela pergunta do primeiro dia: "Como se sente em uma Seleção em que ninguém te conhece?" ●

CLAUDIO VERGIANI

Cerezo 1986

Longe do Galo, o volante não deixou de conquistar fãs pelo mundo. Cerezo se preparava para deixar a Roma e ir para a Sampdoria, onde conquistaria o scudetto italiano na temporada 1990/91.

Acerto de contas

O BRASILEIRO MAIS QUERIDO DA ITÁLIA VOLTA À SELEÇÃO DISPOSTO A PROVAR EM SUA TERCEIRA COPA QUE NÃO FOI O ÚNICO CULPADO DE 1982

POR MARCELO REZENDE

Sempre apareceu alguma coisa de ruim no caminho de Toninho Cerezo para a Copa do Mundo. Em 1978, na Argentina, às vésperas do jogo decisivo contra os anfitriões, ele se machucou. Ficou assim excluído da partida e o Brasil, empatando sem gols, acabou sendo apenas "campeão moral". Já em 1982, na Espanha, punido pela FIFA por uma expulsão durante as Eliminatórias, não participou da estréia — e a Seleção, com muita dificuldade, derrotou a URSS por 2 x 1.

Desta vez, por linhas tortas, está acontecendo alguma coisa de bom. Suspenso na semana passada por quatro jogos do Campeonato Italiano, que termina dentro de duas rodadas, ele poderá antecipar sua apresentação ao técnico Telê Santana. Se nada de novo suceder — ele tomou cartão vermelho no último dia 6, durante a vitória de seu time, a Roma, diante do Sampdoria, por 1 x 0, e xingou o árbitro —, Cerezo será o primeiro do quarteto de brasiliani a se incorporar à Seleção Brasileira.

Talvez esteja aí um indício animador para quem, há três anos e nove meses, no trágico 5 de julho de Sarriá, foi considerado culpado pela derrota para a Itália.

Sentado na mesa de lanche em seu espaçoso apartamento romano, à frente de cinco tipos de queijo, muito pão e café fresco, Cerezo, hoje com 30 anos, parece angustiado ao relembrar aquele jogo.

"Paguei pelo erro de todos", desabafa. "Errei, mas num time um só jogador não pode ser o único culpado quando o resultado final é de 3 x 2. Eu errei um passe e acertei milhares na vida."

Sua voz está embargada. Bebe dois cafés seguidos, ele que raramente toma café. E inicia um dramático depoimento:

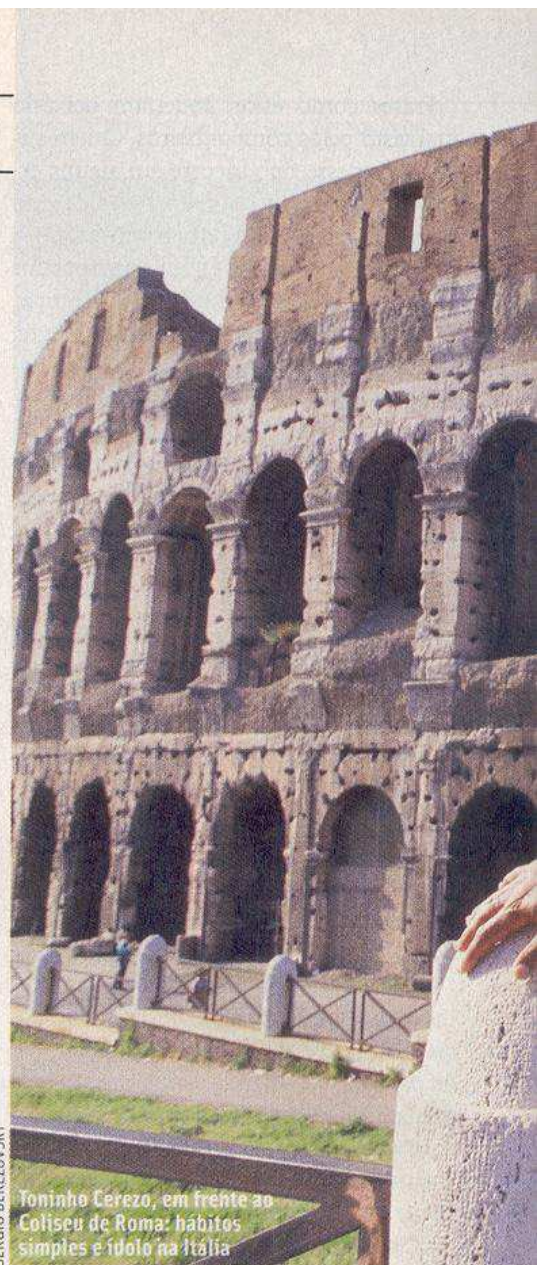
"No segundo gol, eu tinha a bola dominada e toquei para o meio, um pouco recuada. Toquei e saí rápido, para acompanhar nosso movimento de ataque. Lá atrás estavam Oscar, Luisinho, Falcão e Júnior. Houve hesitação entre eles, um deixando para o outro. Rossi se antecipou, penetrou e chutou da entrada da área. Foi tão rápido que mal vi. Claro, errei. Eu poderia ter dado o passe em outra direção. Senti, mas não fiquei tão apreensivo como falaram: eu tinha certeza do empate. E ele veio com Falcão. Só que ninguém fala que eu, ao me deslocar, arrastei o zagueiro e dei espaço para Falcão limpar o lance para dentro e chutar sem defesa. Ao ver o gol, corri em sua direção: meus olhos estavam cheios de lágrimas. Só senti uma emoção tão forte quando nasceram minhas filhas gêmeas".

"Bode expiatório"

É o sexto café em exatos 24 minutos.

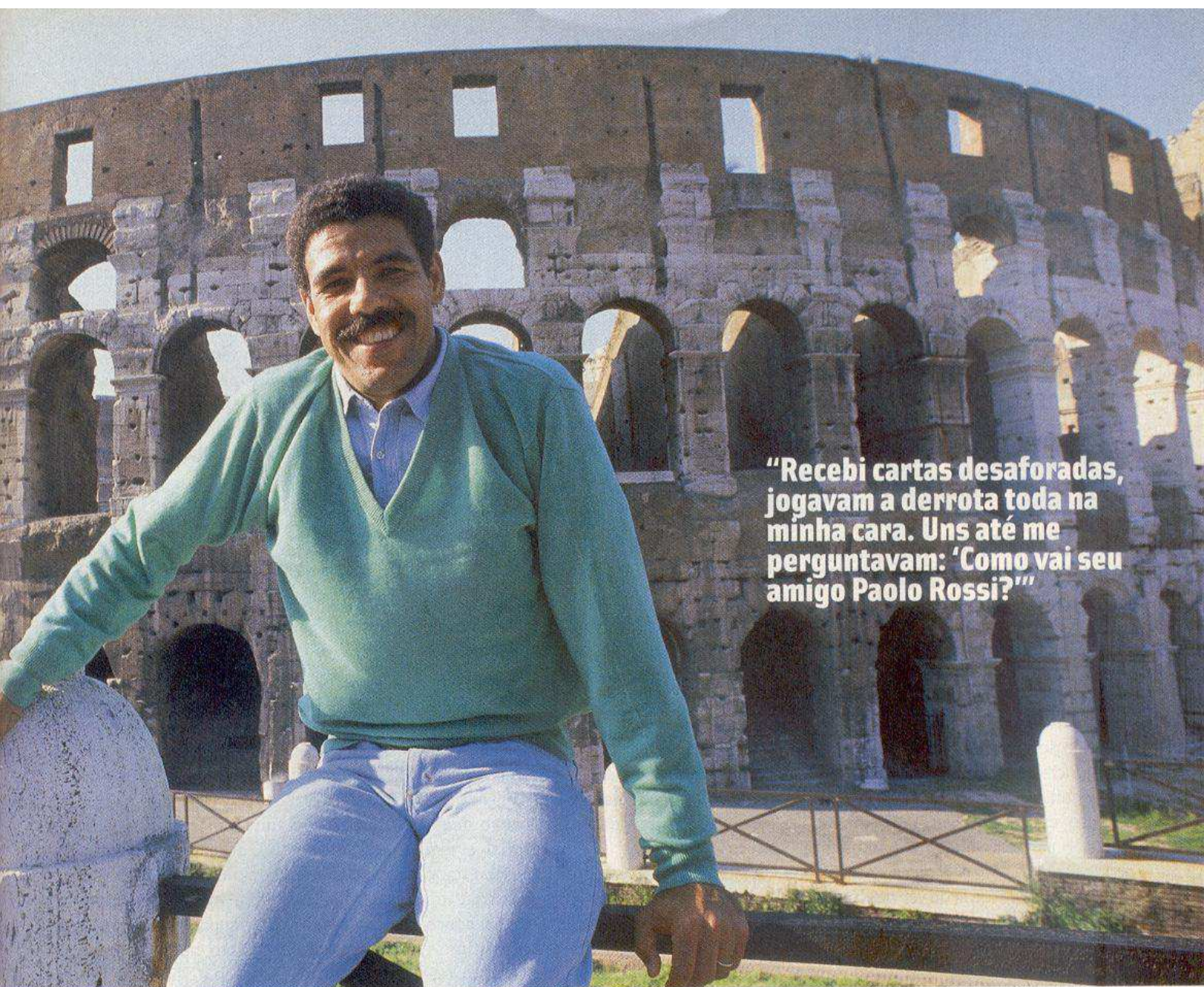
"No terceiro gol, veio um cruzamento da esquerda, na segunda baliza. A bola ia passando por minha cabeça e ninguém gritou me alertando que eu estava sozinho. Sem saber se tinha inimigo às costas, procurei o mais seguro. Como estava entre a pequena e a grande área, minha intenção era recuar para Waldir Peres, do lado, não no meio do gol. Mas, desequilibrado, acabei mandando a bola a córner."

Cerezo pára. Sabe que alguns companheiros o atacaram depois da Copa. Mais que tudo, lembraram suas falhas: "Foi fácil encontrar apenas um bode expiatório para os erros coletivos". Não revela, mas antes da partida contra a Itália conversou com o ponta-direita Paulo Isidoro, que só entraria no segundo tempo, no lugar de Serginho: "Isidoro, sem você ali, estamos lascados. Aquilo vai ser uma avenida".

SÉRGIO BEREZOVSKY

Toninho Cerezo, em frente ao Coliseu de Roma: hábitos simples e ídolo na Itália

"Paguei pelo erro geral. Recebi cartas desaforadas, jogavam a derrota toda na minha cara. Uns até me perguntavam: 'Como vai seu amigo Paolo Rossi?'."

Há raiva em sua voz; ele, que dificilmente perde a mineirice, o bom humor que aprendeu com o pai adotivo, o palhaço Moleza. Evita lembrar as críticas do lateral-esquerdo Júnior, hoje meio-armador do Torino. Recentemente, em Roma, os dois saíram para uma cervejada. Já de madrugada, Júnior puxou assunto:

"Pois é, Cerezo, a imprensa quis criar uma inimizade entre nós depois do Mundial".

“Recebi cartas desaforadas, jogavam a derrota toda na minha cara. Uns até me perguntavam: ‘Como vai seu amigo Paolo Rossi?’”

Cerezo, abraçado ao amigo, foi simples: “Nossa vida, Júnior, é muito curta e o que vale mesmo é a amizade. Este mundo é tão passageiro, imagine nosso momento no futebol. O que vale para mim é nossa velha amizade”.

Com o papa

Toninho Cerezo é o brasileiro mais amado da Itália. Para ele, a cidade de Roma, que imaginava ser limitada apenas ao Vaticano, parece a mineira Sete Lagoas: conhece cada esquina, cada dono de bar, açougueiro, verdureiro, jornaleiro. Na rua, é parado diversas vezes, por dezenas de torcedores. Foi o que ocorreu há duas semanas, quando visitou a Basílica de São Pedro, a maior igreja do mundo. Os seguranças se alvoroçaram com sua presença e Cerezo, católico fervoroso, sentiu-se em casa. Neste mês, por sinal, deverá ser recebido em audiência privada pelo papa João Paulo II, graças a um conterrâneo que trabalha na Santa Sé, o bispo dom Lucas Moreira Neves, primo afastado do ex-presidente Tancredo Neves. Homenageado, Cerezo pôde subir até a cúpula da basílica, toda trabalhada por Michelangelo, a 136 m de altura.

Seu destino, depois da Copa, pode ser o Sampdoria. Acredita que, por dois anos de contrato, ganhará até 1 milhão de dólares. Apesar de tamanha fortuna, não gostaria de ficar por mais tempo. Tem suas queixas do país: por causa do frio, nos primeiros tempos perdeu todas as unhas do pé. Sente saudade do ambiente do Atlético-MG, de brincadeiras dentro do time.

O fato é que, se conquistou o coração da torcida — aos domingos, são vistas bandeiras brasileiras espalhadas nas arquibancadas do Estádio Olímpico, na capital italiana —, Toninho Cerezo jamais poderia ser tratado como um príncipe herdeiro de Falcão: é simples demais para os padrões locais. Anda numa BMW suja e amassada. Num futebol em que a maioria usa terno, chama a atenção por suas roupas: jeans desbotados. Não usa perfumes, mora sem sofisticação, jamais deixa de atender os torcedores e fala o “cereziano”, uma mistura entre o português e o italiano.

Diante de tantas contradições, ele gostaria de voltar. Curva-se à voz prudente de Rosa: “A carreira é curta e só poucos privilegiados, protegidos de Deus, conseguem chegar aonde você chegou, filho. Vamos ficar mais dois anos e garantir a vida das crianças”. Às vésperas de embarcar com destino à Toca da Raposa, no entanto, o que o preocupava era a Seleção Brasileira. Lamentava o corte do amigo Éder, o que o levou a “sentir uma forte dor no peito”. E alegrava-se pelo fato de o técnico não ser Zagalo, pois acredita que este não o convocaria. ○

Paulo Roberto 1987

Ele entrou no time com uma tarefa complicada: substituir o leão Jorge Valença na lateral-esquerda. Paulo Roberto conquistou a vaga de titular com muita propriedade, tanto que ficou no clube até 1996. Não era nada veloz, mas tinha um mérito: sempre fazia ótimas partidas contra o rival Cruzeiro.

Brilho gaúcho no Galo

POR BRUNO BITTENCOURT

COM CHIMARRÃO, RAÇA E EFICIÊNCIA, O LATERAL-ESQUERDO GANHA O CORAÇÃO DA TORCIDA ATLETICANA

Quando tinha lá seus 16 anos, Paulo Roberto Araújo Prestes chegou a pensar que seria ponta-esquerda do Inter de Porto Alegre. Mas havia no clube outro garoto um pouco mais velho — e de idêntico sobrenome — já conhecido por sua perícia com a camisa 11. Cedendo à hierarquia familiar, ele decidiu mudar de posição e jamais se arrependeu. Hoje, Paulo Roberto brilha em Minas como lateral-esquerdo do bicampeão Atlético.

"Papai não gostaria de ver nenhum dos guris na reserva", revela. E o correr do anos sugere que, na hipótese de uma disputa doméstica, talvez fosse Paulo Roberto o forte candidato a um chá de banco. Afinal, o referido irmão é Tato, o titular absoluto da ponta-esquerda do Fluminense. Para a alegria do pai, "seu" Luiz Carlos Prestes — nada a ver com o ex-dirigente comunista, mas antigo zagueiro colorado da década de 60, conhecido por Lua —, o talento de um de seus rebentos jamais ameaçou ofuscar o do outro.

Paulo Roberto vai para a galera: de drible fácil, o lateral também chutava muito forte

GLADSTONE CAMPOS

Aos 23 anos, completados no último 21 de abril, Paulo Roberto poderia considerar-se abençoado por ter atuado nos quatro principais centros do futebol brasileiro. Mas a verdade é que só agora, em Belo Horizonte, deslanchou para o sucesso. Aos 18 anos, já profissional e sem chances no Inter, acabou emprestado para o Botafogo. No Rio, encontrou um time mal de bola e de caixa. "Joguei pouco e nem me pagaram o empréstimo", lamenta. Respirou aliviado quando o Palmeiras comprou seu passe, em 1984. "Fui titular por mais de um ano", vangloria-se. Caiu na rabeira de um dos ciclones que, de tempos em tempos, vêm-se abatendo sobre o Parque Antártica desde 1976, ano do último título do Verdão. A equipe perdeu por 3 x 2, em casa, para o XV de Jaú, ficando fora das semifinais do Paulistão de 1985. Considerado um dos culpados, foi vítima da razia que se seguiu.

Grande promessa

Mesmo assim, o Atlético decidiu apostar nele. Chegou no início de 1986 e os primeiros meses em Belô não foram exatamente um paraíso. Paulo Roberto instalou-se no Hotel Pampulha e só agora está arrumando as malas para sair de lá. "Nada como ter meu próprio canto", diz o novo proprietário no bairro da Floresta. Também deixou para trás seus tempos de reserva no Galo. "Quase pedi para sair", confessa.

Sua oportunidade surgiu no final do ano passado. Foi justamente num jogo contra o Inter, seu primeiro time, que o então titular Jorge Valença se contundiu no tendão. Paulo Roberto entrou e não saiu mais. "Trata-se de um lateral completo", analisa o técnico Palhinha, "e uma das grandes promessas do futebol brasileiro." Renato, que compõe com ele a ala esquerda do Atlético, engrossa o coro de elogios: "Paulo anda mesmo numa fase espetacular".

Além do físico avantajado — são 75 kg em 1,80 m de altura —, ele guarda naquele antigo cacoete de ponta-esquerda um trunfo. "Gosto de atacar", revela. "Acho fundamental que o lateral moderno vá à linha de fundo, faça cruzamentos, bata para o gol." Sobre esta última característica, o goleiro Pereira, companheiro de quarto nas concentrações, dá seu depoimento. "O chute de Paulo Roberto é péssimo", brinca. "Péssimo para se pegar."

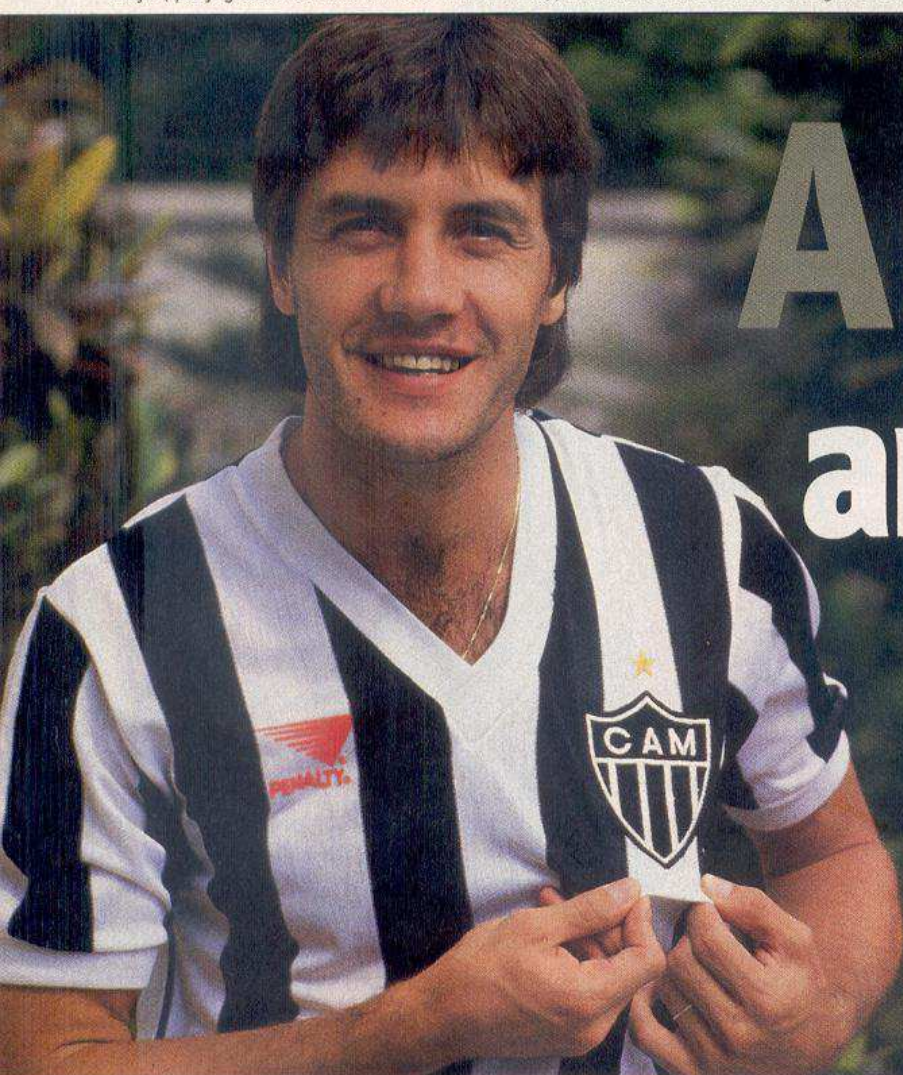
Tradicionalista como quase todo gaúcho, o lateral conserva o hábito de começar o dia com um chimarrão. "Onde vou, levo erva e cuia", admite, acrescentando que o mate amargo e pelando faz muito bem à saúde. Alimentação, por sinal, é uma de suas preocupações. "Com esse negócio de morar em hotel, complicou um pouco", pondera. Não é exigente, porém: um prato com arroz, feijão e bife faz sua felicidade. Para manter a forma e descontrair a mente, joga animadas partidas de tênis com o companheiro Zenon. Está longe de ser um Ivan Lendl. "O que faço dá para quebrar um galho", supõe.

Quando pode, dá um esticão até o Rio, onde a mãe, dona Salete, separada do marido, vive com o irmão Tato. No Carnaval passado, ganhou outro estímulo. Conheceu Maíram uma estudante de jornalismo que, apesar de ser de Belo Horizonte, reside na capital fluminense. "Com tantas ao redor, fui me apaixonar logo por uma que mora longe", suspira.

Deixar o Atlético para ficar mais perto da amada, porém, não consta de seus planos. "Quando jogava no Rio, nem nome eu tinha: era o irmão do Tato." Agora, Paulo Roberto não vive somente uma ótima fase. Confirma, a cada partida, que percorre seu caminho em pernas próprias. ●

AMANDIO CHIODI

"Gosto de atacar. Acho fundamental que o lateral moderno vá à linha de fundo, faça cruzamentos, bata para o gol"
CAM

Juninho e Sócrates, na Seleção de 1982, foram responsáveis por dar a Renato um apelido que o desagradava: pé murcho. Cinco anos depois, o ponta-de-lança (que jogou de centroavante no Galo de Telê), tentava mostrar com muitos gols e o reconhecimento da massa alvinegra que aquilo era coisa do passado.

A glória do artilheiro

COM CLASSE E GOLS, O CAMISA 9 DO GALO ENTERRA O APELIDO DE PÉ MURCHO, QUE O MAGOAVA

POR BRUNO BITTENCOURT

Desde que chegou à Belo Horizonte, há quase dois anos, um dos hábitos que Carlos Renato Frederico cultua é o de levar e buscar as filhas na escola. Nas últimas semanas, esse momento do cotidiano do jogador tornou-se uma espécie de instrumento a aferir seu sucesso junto ao público. Quem primeiro notou a guinada na popularidade do craque foram as próprias Carina, de 7 anos, e Renata, 6. Antes cruzavam quase despercebidas o portão do Instituto Isabela Hendrix. Hoje, atravessam-no sob a mira de curiosos coleguinhas e até de marmanjos xeretas. "Querem um autógrafo seu, papai", denunciam as duas meninas.

Renato só não perde o rebolado, talvez, porque nunca teve um. E olhe que há muita gente desfilando em salto alto com um currículo muito menos recheado que o dele: campeão brasileiro de 1978, pelo Guarani; bicampeão paulista de 1980 e 81, com a camisa do São Paulo; e dono da faixa mineira de 1986, no Galo. Isso sem contar que integrou como reserva a Seleção, que, apesar de derrotada, encantou na Copa da Espanha, em 1982.

"Ele é muito tímido", atesta sua mulher Conceição, a Tida, como o ídolo alvinegro a chama carinhosamente. "Às vezes, Renato ainda transpira muito quando dá entrevista, até por telefone." De fato, aos 30 anos de idade, Renato surpreende ao conservar um ar de iniciante — como se ontem mesmo tivesse deixado sua pacata Morungaba (cidade a 103 km de São Paulo) para se profissionalizar na vizinha Campinas. "Com o televisionamento e a cobertura que a imprensa faz da Copa União, todo o futebol está em alta", pondera o jogador. "Talvez por isso, eu esteja aparecendo mais."

A improvisação

Excessivamente humilde. Eis aí o retrato de Renato, uma pessoa incapaz de se autoproclamar uma estrela. "O Atlético tem um time homogêneo, unido", sustenta. Verdade. Mas como deixar de atribuir mérito especial a um atacante que, antes da última rodada do returno, marcara sete gols e despontava como um dos candidatos ao título de artilheiro da Copa União?

"Renato é inteligente, tem boa visão de jogo, ótima colocação e muita habilidade", enaltece o técnico Telê Santana. "Ele deu certo na nova posição por estar livre para se movimentar em campo." Confere. Ao assumir a equipe, o treinador pediu à diretoria do Atlético a contratação de um centroavante. Motivo: pensava em aproveitar Renato na meia-direita, sua posição original.

Mas, como então faltava um camisa 9, Telê optou por improvisá-lo no meio do ataque. Tática à parte, hoje o alvinegro conta com dois centroavantes na reserva — Ivo e Agnaldo — e Renato, literalmente,

comanda o ataque, de forma, surpreendente, com gols e mais gols.

A nova fase acabou enterrando o apelido que Juninho e Sócrates lhe deram na Seleção Brasileira em 1982: Renato Pé Murcho. "O chute dele era mesmo muito chocho", admite Telê. "Mas provou que sempre há tempo para se aprender." O técnico, aliás, fala de Renato com conhecimento de causa: convocou-o para todas as seleções que dirigiu, com exceção da que disputou a Copa do Mundo de 1986.

O craque, porém, guarda más lembranças daquele tempo. "Andava perdendo muitos gols", reconhece. "Só que deveria haver uma forma melhor para os companheiros me ajudarem." Se existe mágoa pela alcunha, Telê se encarrega de tentar diluí-la. "Não acredito que tenha sido por maldade", afirma o treinador. "Renato era muito querido e ninguém faz brincadeiras com quem não gosta."

Em Minas Gerais, Renato é adorado por todos: os companheiros, a comissão técnica, a diretoria, a torcida do Galo e, até, a da Raposa. "Esse aí gosta do Cruzeiro", aponta o atacante para o porteiro de seu prédio, que insiste em ser presenteado com uma camisa do Atlético.

"Vibrei com o gol, Renato", festeja-o um admirador a bordo de sua bicicleta. Todo esse carinho reforça uma antiga supeita do artilheiro. "Vir para cá foi uma medida acertada", conclui. "Financeiramente, podia não ser muito bom. Profissionalmente, porém, representou minha chance de redenção."

Não só pelo pé, mas pelo bolso murcho, Renato chegou traumatizado a Minas. Na ocasião — janeiro de 1986 — , o Atlético topara desembolsar por ele 700 milhões de extintos cruzeiros. Vinha do Botafogo, no qual vivera uma grande desilusão. "Tentaram formar um timaço", recorda-se. "No fim, fiquei quatro meses sem receber salário."

Fim de contrato

Sem dúvida, essa foi uma situação difícil para quem estava acostumado à organização do São Paulo. No Morumbi, Renato vestiu a camisa de titular de 1980 a 1984, até esbarrar no ímpeto reformulador de Cilinho. "Ele não gostava de mim", desconfia.

O artilheiro do Atlético prefere esquecer essa passagem. Melhor festejar esta frase tão feliz de sua carreira: "Renato está no auge", proclama Zenon, amigo e companheiro desde a época do Guarani. Assim, o futuro se abre em alternativas. Seria a hora de mudar de praça? O craque, com o contrato terminando em janeiro, garante que se adaptou bem a Belo Horizonte. "Tudo depende do Atlético", diz. "E dela aí", apontando para Tida.

A menção à mulher é siginificativa, pois no âmbito familiar a vida do camisa 9 atleticano tem sofrido modificações. Tida lidera as mudanças — não por imposição, mas por necessidade. "Ela teve umas crises depressivas", confidencia Renato. "Depois, decidimos revisar nossas vidas."

Hoje em dia, o aparelho de TV virou peça ornamental no lar dos Frederico — exceção feita ao horário dos telejornais e dos programas com os gols da rodada. Parece que não faz falta. "Podemos conversar mais", argumenta Tida. O videocassete também é menos utilizado. "Evidentemente, nunca vou deixar de ver bons filmes", adverte Renato. Nem poderia ser diferente. Afinal, na pequenina Morungaba, uma das artimanhas que o jovem casal de namorados usava para contornar a vigilância paterna era encontrar-se no escurinho do cinema.

Nem sempre prestavam muita atenção ao que se passava na tela — invariavelmente, épicos ou faroestes. "E os do Mazzaropi eram bem divertidos", contam. Na geladeira, a cerveja tornou-se produto raro. Os refrigerantes dobraram. Há um motivo: Renato está a alguns degraus de se converter em mais um atleta de Cristo. E passa horas lendo a Bíblia junto com a mulher.

Na padaria

O pão de cada dia igualmente pode já não ser o mesmo — embora Renato não abra mão dele. Os pais do ídolo do Galo, "seu" Frederico e dona Maria Rosa, há anos têm uma padaria em Morungaba. "Nunca enjoarei de pão", garante o atacante.

Foi-se o tempo, no entanto, que ele saía pelas ruas daquela cidade pilotando um jipe velho e entregando o alimento sagrado a domicílio. "A última casa era a de Tida", graceja. "Aí eu podia demorar mais." Dali em diante, Tida — sua primeira e única namorada — acostumou-se a conviver com uma paixão recorrente. O futebol esperava Renato.

Por algum tempo, pareceu que o triunfo seria só da bola. Em 1974, ele deixou para trás a namorada, o trabalho e a escola. Seguiu para Campinas, a fim de tentar a carreira de jogador. Um ano depois, tornou-se profissional. Agora, continua com a bola e faz dela seu bem-sucedido trabalho. Resgatou Tida e até está voltando a estudar, ainda que de uma maneira curiosa. Além de levar e buscar na escola as duas filhas, Renato, que não concluiu o segundo grau, mantém o hábito de fazer as lições com elas. "Tem umas muito puxadas", admite ele.

Sorte que, no futebol, "papai Renato" já passou de ano. "Ele é nota 10", fazem coro as filhas. Corujice às avessas? Não, brada a torcida do Galo. A massa reconhece que, sem a técnica, a dedicação e os gols desse craque, dificilmente o Atlético chegaria a ser apontado como o melhor time do Brasil no momento.

GLADSTONE CAMPOS

Sérgio Araújo 1987

Naquela época, camisa 7 jogava de ponta-direita e ponto final. Sérgio Araújo era um deles: muito rápido, conduzia a bola com ótima velocidade até a linha de fundo e concluía com belos cruzamentos. Ajudou o Galo a conquistar títulos estaduais (1985/86/88/91). Foi um dos xodós de Telê na Copa União de 1987.

Nos braços de João, hoje um decano funcionário do clube: identificação total com a massa

Ligado e esperto

UM DIA NA VIDA DO RÁPIDO PONTA DO ATLÉTICO – UM HERÓI QUE ANDA SASSARICANDO NA COPA UNIÃO

POR BRUNO BITTENCOURT

Ele ensaia um ar de irritação quando o telefone de seu pequeno apartamento, no bairro de Itapuã, em Belo Horizonte, toca com estridência. "Como descobriram o número?", resmunga. Quase sempre são jornalistas e fãs, mas Sérgio Araújo, no fundo, faz cena. Ele adora ser procurado. "Pior de tudo é viver na obscuridade", confessa.

O ponta-direita do Atlético-MG é daqueles que amaldiçoam o anonimato. E com razão: antes de se transformar num dos novos heróis do Mineirão, fez quatro tentativas frustradas na Vila Olímpica. Ia e voltava para casa, em Timóteo, no interior de Minas Gerais, "Diziam que eu era muito fraquinho", recorda. O clube insiste em sustentar que, à época, não havia acomodações para mantê-lo.

Hoje, tudo está mudado. Ele é um ponteiro autêntico no time de Telê Santana — o técnico mais perseguido por "Zé da Galera", um antigo personagem de Jô Soares na TV — e anda sassaricando na frente dos laterais na Copa União. "É rápido, vai à linha de fundo e joga para o time", elogia o treinador.

Gol preto

Sim, ele é um ídolo. Seus hábitos, no entanto, são simples. "Pago aluguel", explica. "Meu sonho de casa própria foi adiado em favor de uma reforma na residência dos meus pais." Um de seus raros caprichos acaba sendo o carro Gol GT 1.8 preto. "Gosto de sair com roupas claras: dá o contraste e lembra as cores do Galo", graceja.

Às vezes, Sérgio Araújo, 24 anos, engata uma marcha à ré na memória. Duas semanas atrás, ele pilotou seu Gol até a estação rodoviária de Belo Horizonte. Foi buscar a mãe, dona Perpétua, que chegava para uma bem-vinda visita. Não teve sossego: reconhecido, espalhou autógrafos, beijos e abraços. Na hora de sair, fitou longamente o ônibus. "Que saudade", suspirou. "Já andei muito nele."

Dona Perpétua não é propriamente uma supermãe — ao estilo daquela criada por Ziraldo. Mas chega junto. "Conversamos quase todo dia, por telefone", conta o jogador. Mais perto do filho, ela acompanha suas peripécias culinárias. "Serginho tem mão para o tempero", aplaude ela. Na verdade. ele vai mais longe. Costuma freqüentar supermercados atrás da alimentação certa. "É preciso saber escolher", recomenda. Na rede Via Brasil, a poucos quarteirões de sua casa, vasculha cuidadosamente as prateleiras. Algumas, como as que abrigam condimentos e doces, ele dribla. Outras, ataca como se estivesse no caminho do gol, principalmente quando guardam carnes, legumes e laticínios. "Cumpro orientação médica", esclarece. "Andei penando com alguns probleminhas de peso." Ele não se intimida diante das tarefas domésticas. "Fora a faxina e a lavandeira, o resto fica comigo", revela.

Mulheres? O esperto Sérgio Araújo parece ainda mais mineiro ao tratar do assunto. Não nega a existência de, pelo menos, uma em sua vida. "Ou umas", brinca. Cultua, contudo, a imagem de homem sem compromisso. "Os jogadores são muito visados", desconversa. "Uma coisa é o atleta famoso, outra é o homem que está por trás dele."

O ponta também adora música. Coleciona discos e dedica-se à gravação de fitas. Na semana passada, ele estava concluindo uma cópia do LP de Leci Brandão para enviar ao pai. Enquanto isso, cercado por pilhas de discos, ouvia seu cantor predileto: Gilberto Gil. "Mas gosto ainda de pagode", avisa.

Houve época em que ele só falava ao telefone e ouvia música. Aconteceu no retorno do Torneio Pré-Olímpico, realizado na Bolívia, em maio passado. Vítima de uma xistose — doença que reduz momentaneamente a visão, seguida de febre, diarréia e tonturas —, Sérgio Araújo ficou praticamente preso em casa. E não pôde ser convocado pela Seleção Brasileira para a excursão à Europa e Israel, a Copa América e os Jogos Pan-Americanos.

Hoje, o ponta não carrega nenhum sintoma do mal. "Ele alcança a marca de 10s81 nos 100 m", exulta Ithon Fritzen, preparador físico do Atlético. "É um dos poucos atacantes que lançam a si mesmos."

Noitadas

Elogios sempre deixam o discreto Serginho, como é chamado no clube, muito encabulado. Sua vaidade cresce ainda mais quando abre o guarda-roupa de seu apartamento. "A aparência é muito importante", decreta. Ali, ele protege zelosamente um lote de peças especiais, que são retiradas apenas para as viagens à terra natal. "Lá, caio no embalo", admite. A discoteca Saint-Tropez, de Timóteo, é uma de suas paradas obrigatórias. "Já vivi noitadas inesquecíveis sob aquelas luzes", confidencia. Ao cair na real, porém, ajeita-se no sofá e recita em voz alta, como se fosse uma auto-advertência: "Aqui, levo uma vida de alerta". ○

"Pior de tudo é viver na obscuridade"
SÉRGIO ARAÚJO, SOBRE O ASSÉDIO DOS FÃS

FOTOS GLADSTONE CAMPOS

Amado pela maior parte da torcida e criticado pelos que o acusavam de não se cuidar fora de campo, ele entraria para a história do Galo. Fora contratado para resolver o problema de gols do time e resolveu: faria 28 no Brasileiro, sagrando-se artilheiro. Cabeceia bem, chuta bem e sabe prender a bola quando preciso.

Craque solução

O GALO ENCONTRA A RESPOSTA PARA A FALTA DE GOLS NUM MATADOR COM FAMA DE CRAQUE-PROBLEMA

POR EDSON CRUZ

Guilherme, o matador: artilheiro com fama de boêmio

Durante todo o primeiro semestre de 1999, o Atlético-MG ficou à míngua de um artilheiro nato. Chegou a testar o veterano Nílson (ex-Internacional e ex-Palmeiras) e o jovem Adriano, 19 (ex-Juventude). Nenhum dos dois conseguiu fazer o trabalho. Por isso, a diretoria procurou contratar um pistoleiro de aluguel. O escolhido foi Guilherme, sem chances num Vasco que contava com Edmundo, Viola e Donizete. O centroavante desembarcou em Minas e logo mostrou serviço. Com o olhar gélido, típico dos pistoleiros, o monossilábico Guilherme não escolhe nem perde empreitada. É raçudo, valente e, com a mesma destreza que mete bolas no gol, consegue escapar das botinadas dos zagueiros.

O faro acurado de gols, a presença de área e o bom cabeceio estão no sangue. Aos 9 anos, Guilherme de Cássio Alves já sabia que seria centroavante. A camisa 9 foi a primeira que vestiu no infantil do Marília. Obstinado, nas horas de folga, Guilherme acompanhava pelos campos de todo o país o seu irmão, o meia-esquerda Juninho (ex-Atlético-PR).

Dez anos depois, Guilherme conseguiu o atalho para a fama no profissional do Marília, no Paulistão-93. Foi artilheiro do time com dez gols, dois em jogos contra o São Paulo, e chamou a atenção do então técnico do tricolor, Telê Santana. Como resultado, em julho do mesmo ano, o jogador desembarcou no São Paulo no dia em que outro destaque do campeonato daquele ano, o meia Juninho, se apresentava à equipe do Morumbi.

No São Paulo, Guilherme foi pouco aproveitado. "Ele tinha cancha para ser titular, mas havia grandes atacantes no grupo como Müller e Juninho", lembra Telê. "O Telê foi quem me descobriu, eu devo muito a ele. Por outro lado, ele me deixou mofando no banco de reservas", retruca o atacante, sem mágoas.

Sem querer, Telê também abriu as portas da Europa para Guilherme. Com poucas opções para escalar seu time, colocou o jovem garoto no comando do ataque num torneio em que fez quatro gols. De olhos atentos, o Rayo Vallecano, de Madri, fez uma proposta irrecusável. Guilherme ficou três anos no clube e foi o artilheiro no triênio com 43 gols.

Ao contrário de alguns brasileiros que se deram mal na Espanha, como Viola e Marcelinho Carioca, o atacante não teve problema de adaptação. "A comida é excelente, a melhor que eu já comi, os jogadores e dirigentes são gente fina, os salários são pagos em dia, o calendário relaxado. Quem não se adapta tem algum problema sério", alfineta.

Guilherme só retornou ao Brasil porque recebeu uma proposta tentadora do Grêmio. O time gaúcho, com cofres cheios com o desmanche do time Campeão Brasileiro de 1996 (Paulo Nunes foi vendido ao Benfica, Carlos Miguel ao São Paulo e Émerson ao Bayer Leverkusen), começou a torrar o dinheiro e quis logo um centroavante. Uma posição carente desde a saída de Jardel para o Porto, de Portugal. E resolveu buscar Guilherme, na Espanha, por 3,5 milhões de dólares.

Muro alto

O início no Grêmio não poderia ter sido melhor. Foi artilheiro do time no Brasileiro, destaque numa excursão à Europa, artilheiro do Gaúcho. Ao mesmo tempo, ganhava a confiança da torcida e se tornava o capitão do time. A decadência se iniciou

> **"O Telê foi quem me descobriu, eu devo muito a ele. Por outro lado, ele me deixou mofando no banco de reservas"**
>
> GUILHERME, SOBRE SEUS ANOS DE SÃO PAULO

em fins de 1997. Uma série de contusões colocou o artilheiro no estaleiro por vários meses e a sua difícil recuperação coincidiu com uma má fase gremista. Ao mesmo tempo, a indústria de boatos (alguns confirmados) funcionava de vento em popa e perseguia o craque fora de campo. Guilherme ficou mais conhecido pelas suas extravagâncias do que pelos seus gols. Era visto com freqüência em bares e consumia bebidas alcoólicas em doses cavalares.

A paciência terminou depois de um apático 2 x 2 contra o Flamengo, pelo Brasileiro de 1998. O técnico linha-dura Celso Roth havia estipulado regime de confinamento após a partida porque dois dias depois o Grêmio jogaria pela Mercosul. Os jogadores deveriam deixar o vestiário e ir direto para a concentração. Com um compromisso (explorar a noite gaúcha) marcado com o parceiro flamenguista Beto, Guilherme tentou fugir da concentração pulando um muro de cerca de três metros. Teve um ferimento na cabeça e ainda foi ameaçado pela segurança de uma churrascaria que o confundiu com um ladrão. Auxiliado por policiais, o fujão retornou à concentração com a cabeça enfaixada. Foi desligado do Grêmio e vendido ao Vasco. "Não houve nada disso. Desconheço essa história", defende-se.

O então craque-problema chegou ao Rio como incógnita. Ficou quatro meses só treinando porque não podia jogar pelo Brasileiro uma vez que já havia atuado pelo Grêmio. Este ano, foi o artilheiro do Torneio Rio-São Paulo. Ao todo fez 15 gols e é um dos artilheiros do ano do Vasco.

No Vasco, se uniu a Edmundo, Luizão e Júnior Baiano e ainda reencontrou o amigo Beto. Mas não há registro que tenha se excedido nas noites cariocas. "Teve uma postura profissional. Nunca se atrasou ou faltou a treinos", confirma Eurico Miranda, vice-presidente do Vasco.

Sem espaço no ataque milionário do Vasco, Guilherme pediu para sair. Foi para o Atlético-MG por opção própria. "Queria jogar. No Vasco ia ficar difícil." Com um bom contrato, o artilheiro chegou a Minas com a missão de substituir o artilheiro do bigode, Valdir, e foi logo comprovando suas qualidades. Até 25 de outubro, detinha a artilharia do time com 14 gols.

No Galo, Guilherme viveu dias de bandido e herói. No jogo contra o Flamengo, marcou os três gols da goleada por 3 x 0. Saiu como herói e resolveu comemorar, ao lado do peixe Romário, até altas horas num restaurante/boate em Belo Horizonte. No domingo seguinte, contra o Cruzeiro, parecia não ter entrado em campo.

A fraca performance da equipe obrigou o técnico Darío Pereyra a antecipar a concentração para dois dias antes dos jogos. "Não tem nada ver com o Guilherme. Eu adotei o mesmo procedimento na reta final do Mineiro", disfarça o treinador.

Para Darío Pereyra, os jogadores têm direito a tomar sua cervejinha desde que não comprometam o seu rendimento em campo. "O Guilherme tem marcado gols, é superprofissional, o último a deixar o campo de treino. Para a sua carreira decolar só falta trabalhar a sua imagem e afastar de vez o estigma de jogador-problema."

E também ser menos apático nas comemorações de gols. No jogo contra a Ponte Preta, Guilherme fez o seu 14º no Brasileiro, mas não comemorou. Resultado: frustrou os mais de 70 mil torcedores que superlotaram o Mineirão. "No Atlético, artilheiro que não festeja e vibra tem vida curta", reconhece Dario Maravilha.

EUGÊNIO SÁVIO

O "do bigode", como era chamado assim que o outro Valdir (meio-campo) entrava, viveu seu auge no Galo em 1997: foi artilheiro da Conmebol e goleador do time no Brasileirão. Declarou amores pelo alvinegro, mas, um ano depois, perdeu a posição para Guilherme e se envolveu em problemas com a diretoria.

São Paulo nunca mais

O ATACANTE E MATADOR VALDIR QUER DISTÂNCIA DOS TEMPOS EM QUE FOI DESPREZADO NO CLUBE PAULISTA

POR EDSON CRUZ

Sentado à mesa da churrascaria Companhia do Boi, na Zona Sul de Belo Horizonte, o atacante Valdir, do Atlético-MG, franze a testa e engole seco. No almoço estão a esposa, Solange, o filho, Valdir Neto, de 3 anos, o companheiro de time, Marques, e sua mulher, Elizabeth. Também está ali Forlan Barbosa, grande colega que o segue há 12 anos. Seguro com a presença da família e dos amigos, Valdir coça o vistoso bigode que o acompanha desde os 17 anos, embarga a voz e só então resolve falar sobre o primeiro semestre de 1998, os dias mais incertos da sua vida.

"Como não acertei o contrato com o São Paulo nem queria continuar lá, quase perdi o rumo da minha vida", afirma. Depois de marcar 19 gols no Paulista de 1997, Valdir tinha certeza de que a vida no São Paulo seria tranqüila. Para sua surpresa, foi para o banco de reservas. O atacante nega ter participado de uma trama para derrubar o técnico Carlos Alberto Parreira, junto com os atacantes Müller e Aristizábal, e o zagueiro Válber. Mas sua carreira no Morumbi desandou a partir dali. "Perdi meu tesão pelo tricolor", reconhece.

Ele disputou o Brasileiro de 1997 emprestado para o Atlético-MG. No início de 1998, estava de volta ao clube paulista. Ali, era um estranho no ninho. "Me senti repelido por alguns novatos, que não me conheciam." Valdir não dá nomes. O período coincide com a chegada do ex-gremista Carlos Miguel ao time.

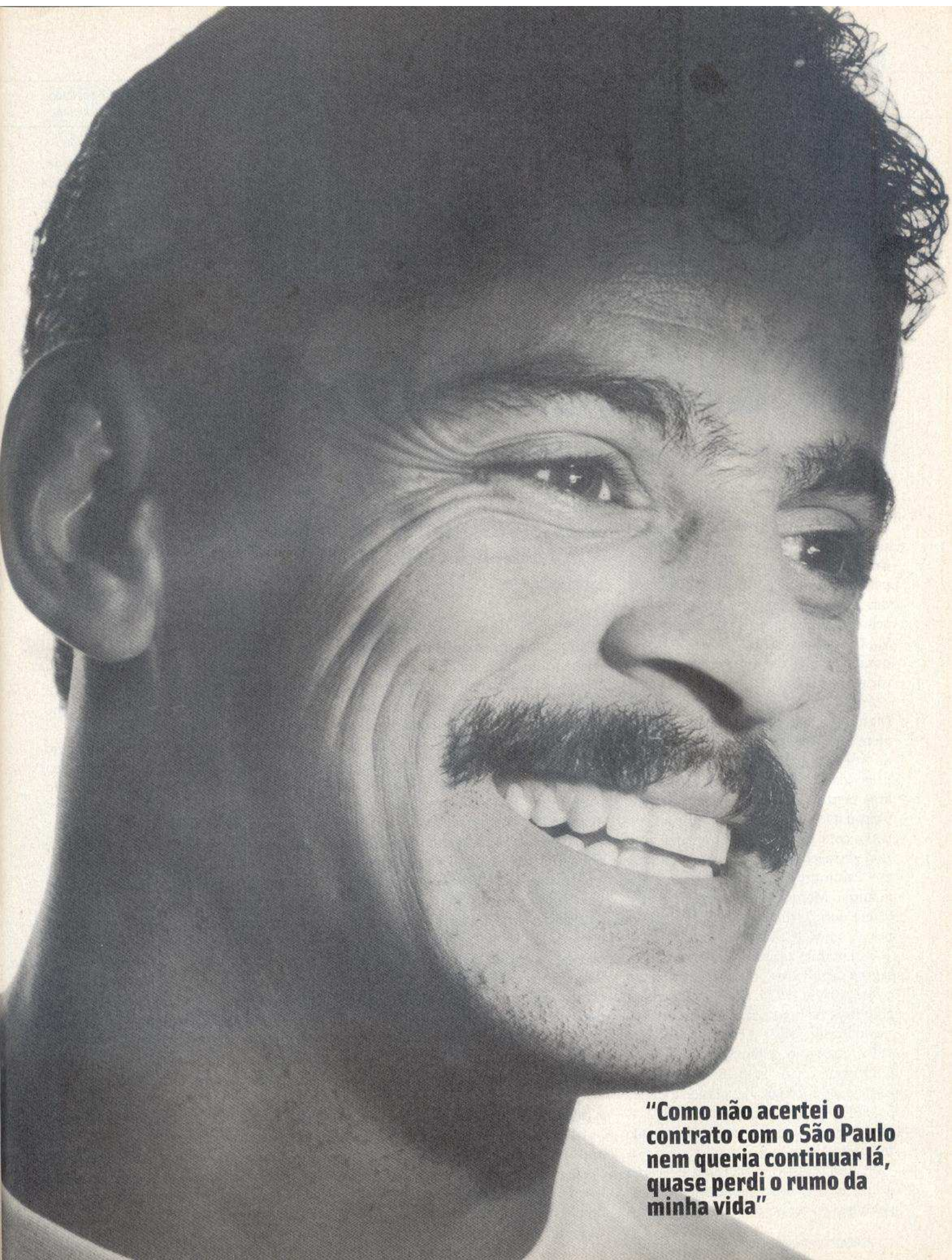
Ele agüentou duas semanas ainda, em São Paulo, até perceber que não teria chances naquele ano. Preferiu voltar ao Rio, sua cidade natal, para ficar perto dos pais e tentar livrar-se do tédio. Mas os dias seguintes foram ainda piores. Ele revezava corridas pela manhã, no bosque da Barra da Tijuca, ao lado do preparador físico Ademar Braga, com oito horas diárias em frente à TV e um sem-número de telefonemas. "O Valdir chegou a ficar chato de tanto não ter o que fazer", entrega a mulher, Solange. "Ele estava possesso pela falta de jogos", concorda o amigo Forlan, que é considerado um irmão e reside com Valdir desde 1986, quando os dois moravam com outras oito pessoas, espremidos numa casa de um quarto, sala, cozinha e banheiro, em Senador Camará, Zona Oeste do Rio. Nessa época, Valdir ainda jogava no Campo Grande e só despontaria para a fama no início dos anos 90, quando chegou a ser tricampeão carioca pelo Vasco.

Hoje, Valdir tem um Omega e mora num apartamento confortável na Zona Sul de Belo Horizonte. Como garante que nunca foi dado a badalações, o dinheiro escasso do período de abstinência bastou para manter a família com conforto. "Levo uma vida modesta", resume. Nos seis meses em que não jogou, a única garantia que Valdir tinha era um contrato, sem nenhum valor legal, redigido pelo seu procurador Aurélio Dias. No documento, o Atlético-MG mostrava-se interessado em adquirir o seu passe no segundo semestre de 1998.

A transação acabou se concretizando. O Galo levou o atacante por 3,5 milhões de reais. Agora, aos 25 anos, Valdir de Moares Filho diz estar em casa. "São Paulo nunca mais", afirma. "Tenho contrato até 2001 e, se me quiserem, fico até 2015." Valdir reencontrou no Atlético um ambiente fraterno, que lhe permite jogar futebol com a mesma alegria dos tempos do Vasco.

A satisfação de jogar no Galo deu bons resultados para o time. Valdir jura que o apetite de gols do segundo semestre, que o fez isolar-se na artilharia do Brasileiro em grande parte da competição, foi resultado do exílio forçado. "Contava nos dedos os dias e as horas para voltar aos gramados pelo Atlético. Sabia que arrebentaria no Brasileiro", garante. "E não deu outra", tabela o amigo Marques.

EUGÊNIO SÁVIO

Valdir, com o bigode que cultiva desde os 17 anos: goleador no Galo

"Como não acertei o contrato com o São Paulo nem queria continuar lá, quase perdi o rumo da minha vida"

Ele nunca deu tão certo no alvinegro como em qualquer outra equipe, mesmo na Seleção. Dono de uma capacidade interminável de assistências, foi apelidado de "garçom": entrega sempre de bandeja os gols para os centroavantes. Desde 1997 no Galo, virou ídolo, comparável aos grandes nomes da história do time.

Fábrica de artilheiros

GUILHERME ASSUMIU A ARTILHARIA NO ESTADUAL. ADIVINHA POR QUÊ? SÃO OS PASSES DE MARQUES CONSAGRANDO O CAMISA 7

POR EDSON CRUZ

Os três primeiros jogos de Marques no Atlético foram um fiasco. O atacante, jogando com a camisa 7, contabilizava três derrotas seguidas no Brasileiro de 1997. Foi aí que o artilheiro Valdir Bigode teve a feliz idéia de trocar a numeração das camisas. Marques passou a usar a de número 9 e ele, Valdir, a 7. No quarto jogo, o Atlético venceu o Cruzeiro por 2 x 1, dois gols de Valdir com passes de Marques. E o novo dono da camisa 9 começou a fazer história no Atlético.

A mudança deu tão certo que agora Marques tem o número 9 como talismã. Nem o artilheiro Guilherme, que antes do Atlético sempre jogou com a camisa preferida dos centroavantes, resistiu aos argumentos irresistíveis de Marques: passou a jogar com a 7. A história se repetiu com outros goleadores que tiveram passagem meteórica pelo clube, como Paulinho McLaren e Nílson. "Enquanto o Marques estiver aqui, a camisa 9 terá dono", diz o roupeiro Valter Lopes, 42 anos de clube.

Ostentando a camisa 9, Marques consagrou artilheiros. Durante dois anos consecutivos, 1997 e 1998, Valdir conseguiu ficar na ponta da tabela da artilharia do Brasileiro por várias rodadas. E em 1999, quando o Atlético chegou à final, Guilherme foi o artilheiro absoluto do torneio, com 28 gols, igualando a marca de Reinaldo no Brasileiro de 1977 — mantida por 20 anos, até que Edmundo marcasse 29 em 1997.

"É uma injustiça o Marques ficar fora de qualquer convocação. Com todo respeito que eu tenho pelos outros jogadores, eu só me tornei o artilheiro do Brasileiro com o apoio do Marques. Ele tem o cheiro de gol e encontra espaços impossíveis. É um maître de primeira." A declaração de Guilherme foi para todo o grupo durante uma preleção que aconteceu no dia do aniversário de Marques, em 13 de abril deste ano. "Com a sua visão de jogo, ele consagra qualquer atacante e fabrica artilheiros", diz Valdir. "Com o Marques ao meu lado, não teria jogo com placar em branco", diz Reinaldo, o maior ídolo da história do clube.

A maior parte dos gols do Atlético sai pelo lado esquerdo do campo, em que Marques opera milagres. A jogada é a mesma. Ele recebe o passe, protege a bola, e gira o corpo, para qualquer um dos lados, antes de arrancar: "Uso muito a minha rapidez e quase sempre o marcador leva o drible, porque não sabe se vou girar pela direita ou pela esquerda. Eu tenho a mesma facilidade nos dois lados", afirma o atleticano.

A jogadinha manjada

A jogada trouxe inclusive um apelido mineiro para o atacante, Calango, espécie de camaleão. A versão carioca do Calango é Pescoço, apelido presenteado por Romário, nos tempos em que jogavam no Flamengo, em 1996. O meia Ramón, hoje no Fluminense, conta que é nessa jogada que se encontra a grande virtude de Marques. "Está certo que a jogada é manjada. Todo mundo sabe que o ataque do Galo se concentra na esquerda, mas poucos conseguem barrar o Marques."

Um dos poucos que conseguiram fazer uma marcação cerrada e até mesmo irritar o tranqüilo atacante, a ponto de cavar sua expulsão, foi o americano Ruy, em 1999. "Fiz várias provocações. Do tipo: 'Essa sua jogada já está manjada, você não joga nada.' Tudo mentirinha de ocasião, mas que fez ele perder a cabeça", diz Ruy.

Ficar marcado por ser um atacante de uma jogada só ou de um clube só não preocupa nem um pouco o atacante atleticano. "Todos sabem que meu repertório é maior e você cria vínculos e identidade com a torcida pelo grande tempo de permanência no clube", diz. Revelado na Taça São Paulo pelo Corinthians, ele nunca se firmou como titular no Parque São Jorge. No Flamengo, jogou fora de posição, no meio-campo, com obrigação de marcar. "Me dou bem no Atlético porque realmente jogo na minha praia."

A empatia com o Atlético é mesmo tão grande que, toda vez que vai para seu amplo apartamento, passa em frente do trabalho: sua casa é pertinho do Galo. "É uma referência para eu me concentrar cada vez mais no clube."

Fora do dia-a-dia dos treinos e jogos, Marques vive bem diferente dos boleiros tradicionais afeitos a muita agitação. Quando não está em casa, onde passa a maior parte do tempo, pode ser encontrado no shopping, ao lado da sede do Atlético, ou no pátio de seu prédio com os filhos Amanda, 4 anos, e Rafael, 1.

Também é cinéfilo e chega a assistir, ao lado da esposa, até dois filmes seguidos por dia. Há quatro anos em Belo Horizonte, Marques incorporou a mineiridade, com excessiva discrição. "Se você fica falando muito de seus hábitos, pode ser alvo de assaltos", diz.

Depois de ver frustrada sua transferência para o Benfica no início do ano, ele só pensa agora em cumprir o seu contrato até janeiro de 2003. Sorte do Galo.

EUGÊNIO SÁVIO

“Com o Marques ao meu lado, não teria placar em branco”

REINALDO, EX-CENTROAVANTE E MAIOR ÍDOLO DA HISTÓRIA DO ATLÉTICO-MG

Marques, o dono da bola: camisa 9 como talismã

De tempos em tempos, surge no Galo um volante de respeito. Foi assim com Zé do Monte, ídolo nos anos 40 e 50; Cerezo, craque de três décadas; e Elzo, titular da posição na Copa de 86. O mais recente é o pentacampeão Gilberto Silva: excelente desarme, chute forte, bom cabeceio, cabeça erguida e personalidade.

Seguro e tranqüilo, o mineiro deu samba no meio-campo

Jogador-cabeça (de área)

UM DOS PRINCIPAIS CANDIDATOS A GANHAR A BOLA DE PRATA DE PLACAR EM 2001, O VOLANTE MOSTRA A MESMA SERIEDADE DENTRO E FORA DE CAMPO

POR EDSON CRUZ

Gilberto Silva é mineiro, de Lagoa da Prata, a 216 km de Belo Horizonte. Por ser mineiro, o ano de 1999 foi um inferno na vida do jogador, que cresceu acostumado à discrição da gente das Gerais. De uma hora para outra, ele se tornou pivô de uma briga entre os três principais clubes do estado. Revelado pelo América, fechou um pré-contrato com o Cruzeiro, mas foi parar no Atlético. O futebol que mostra neste Campeonato Brasileiro comprova que a disputa não foi sem razão. Gilberto Silva está entre os três melhores volantes da Bola de Prata de PLACAR. "Ele se distingue porque desafia o futebol brucutu, é um volante que sabe sair para o jogo e ainda finaliza bem", diz Tostão, resumindo o coro dos fãs do atleticano.

O imbróglio entre os clubes mineiros foi, segundo Gilberto, resultado de uma tremenda falta de comunicação. Ele assume que assinou o pré-contrato com o

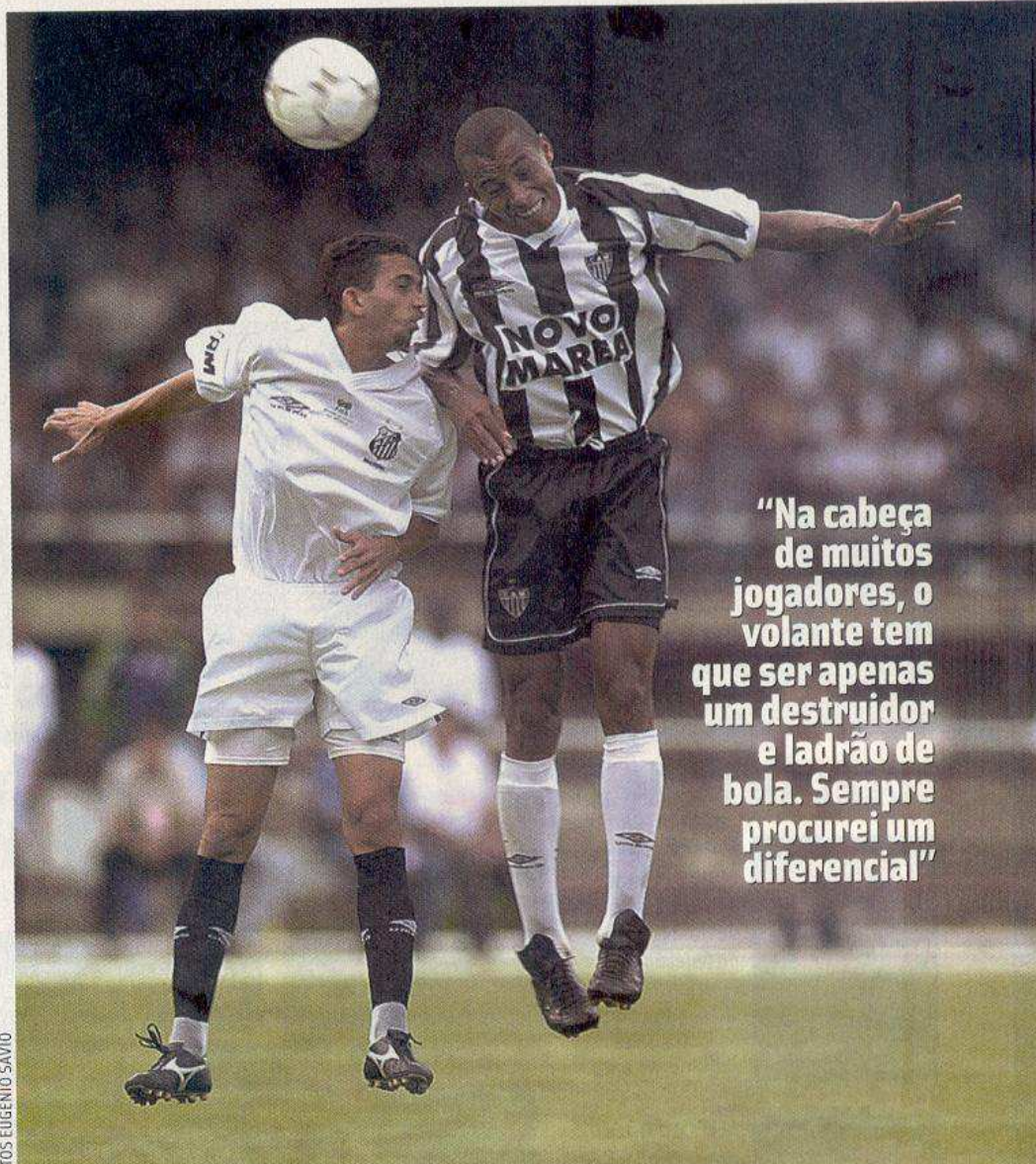
Cruzeiro. Para complicar, não foi comunicado pelo América que estava sendo negociado com o Galo. A sorte do jogador foi o pouco-caso do Cruzeiro, que, mesmo respaldado pelo pré-contrato, desistiu de ir à Justiça resolver a pendenga. "Primeiro porque Gilberto declarou que gostaria de jogar no Atlético; segundo, para não prejudicar sua carreira", afirma o assessor de imprensa do clube, Valdir Barbosa. O episódio ficou para trás, mas marcou o volante: "Inventaram coisas a meu respeito, que eu não sou sério, e isso me chateou".

Se há uma coisa da qual ninguém pode acusar Gilberto Silva é falta de seriedade. O jogador fala pouco, mede as palavras e não é de muitas brincadeiras. Características de quem desde cedo aprendeu a ter responsabilidade. Único filho homem de seu Nísio, siderúrgico aposentado, e de dona Maria Isabel, Gilberto achou que jogando bola poderia melhorar a situação da família. Por isso deixou a pequena Lagoa da Prata para fazer um teste no América, em 1993, quando tinha 17 anos. A aprovação foi imediata, mas, semanas depois, ele retornou à cidade natal. No América, recebia apenas uma ajuda de custo e, como precisava colaborar no orçamento de casa, trocou o clube por um emprego numa fábrica de balas, onde recebia pouco mais de um salário mínimo.

Convencido por amigos, e com a situação da família um pouco melhor, retornou ao América, em 1996. Já tinha 20 anos e logo começou a treinar com os profissionais. No ano seguinte, participou do grupo que conquistou a Série B do Brasileiro. "Naquela campanha, eu entrei em quase todas as partidas." O futebol era o mesmo de hoje, mas o salário ainda era pequeno. Gilberto pegava carona com companheiros para comprar um lanche ou um refrigerante com o vale-transporte.

A situação mudou a partir da tumultuada ida para o Atlético. O volante até poderia ter conseguido uma visibilidade maior antes, mas foi prejudicado por uma fratura por estresse na tíbia direita. O problema apareceu no início da Copa João Havelange, em agosto de 2000, num jogo contra o Atlético-PR. Quando se recuperou, dois meses depois, bateu com o carro quando ia para o clube, machucou-se levemente e teve que adiar o retorno. No início deste ano, jogou quatro jogos da Copa Sul-Minas, mas voltou a sentir a lesão num treino — antes de uma partida contra o mesmo Atlético-PR. "Esse time me traz azar", diz, esboçando um raro sorriso. A volta definitiva só ocorreu nas semifinais do estadual.

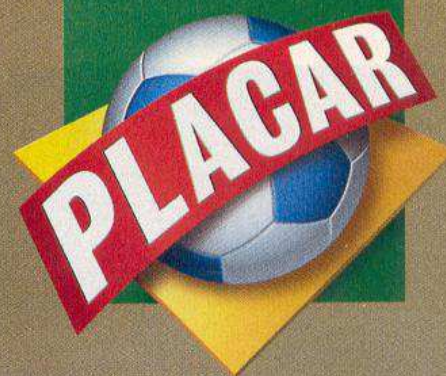
FOTOS EUGÊNIO SÁVIO

Gilberto Silva, no Brasileiro de 2001: bela atuação no campeonato o levou à Seleção e ao Penta

"Na cabeça de muitos jogadores, o volante tem que ser apenas um destruidor e ladrão de bola. Sempre procurei um diferencial"

Os meses de estaleiro serviram para o volante mudar um pouco o estilo de vida. Incentivado pelas irmãs Jane e Jucélia — que moram com ele num espaçoso, mas simples, apartamento em Belo Horizonte —, afeiçoou-se à leitura e hoje diz ser um freqüentador assíduo das livrarias da capital mineira. A predileção é por livros de auto-ajuda, como "Quem Mexeu no Meu Queijo?", de Spencer N. Johnson, e "A Revolução dos Campeões", de Roberto Shinyashiki, mas já é um começo. Também se matriculou num supletivo para terminar o segundo grau e, por fim, comprou um violão semana passada para ter aulas com a irmã Jane.

Mas, mesmo com todas essas atividades, Gilberto Silva assume: "Sou jogador 24 horas por dia". A vista que tem de seu apartamento confirma: basta abrir as cortinas do quarto para dar de cara com o Mineirão. Seu papo favorito também é futebol, principalmente a acirrada discussão sobre os volantes de hoje: "Na cabeça de muitos jogadores da posição, o volante tem que ser apenas um destruidor de jogadas e ladrão de bola. Sempre procurei um diferencial. Por isso, alongo os treinos por mais de uma hora só com fundamentos".

Nessa hora da conversa, é claro, surge uma pergunta inevitável: será que ele não joga mais que Eduardo Costa e Tinga, que freqüentaram as últimas convocações da Seleção Brasileira? "Se eles estão lá, tiveram o mérito", diz, escaldado depois da sua confusa saída do América.

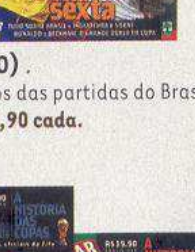
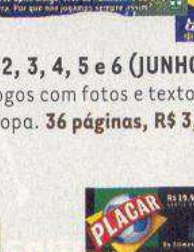
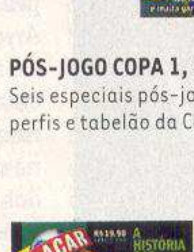
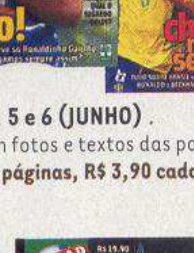
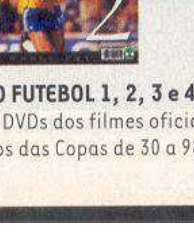
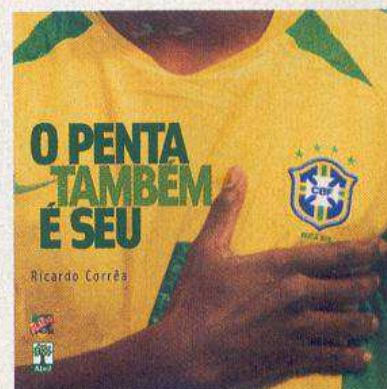
O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...

COLEÇÃO COPA 2002

PLACAR NAS COPAS (ABRIL) As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

SELEÇÃO DO POVO (ABRIL) Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

GUIA DA COPA (MAIO) O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

O MELHOR DA COPA (JULHO) A grande final, os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO). Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO) Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

O PENTA TAMBÉM É SEU (AGOSTO) Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO) Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

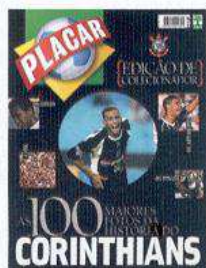
PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO) O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
48 páginas, R$ 4,50

PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
84 páginas, R$ 4,90.

PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90 .**

100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos.
100 páginas, R$ 9,90.

PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
R$ 3,50.

COLEÇÃO 13 CLUBES

GRANDES PERFIS
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.

E o que vem por aí...

COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

GUIA DO BRASILEIRÃO
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001. **32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.**

ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO
Especial com os destaques do campeonato, as fotos coma assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

RETROSPECTIVA DO ANO
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

O MELHOR DO BRASILEIRÃO
Especial com os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

VENDAS POR INTERNET

NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002

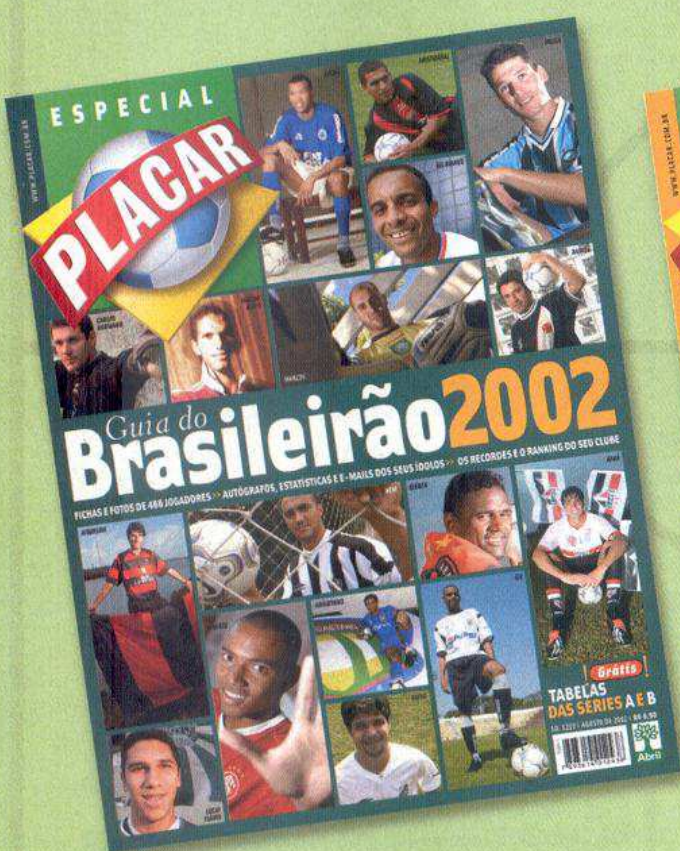
> Pacote Copa total:
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

> Pacote 4 DVDs:
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

> Pacote Corinthians:
O Almanaque do Timão, o especial 100 fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete

**Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo*

BRASILEIRO EM DOSE DUPLA

PLACAR ataca em 2002 com dois especiais: o tradicional Guia do Brasileirão e um CD-ROM com as fichas completas dos 11 065 jogos de 1971 a 2001

Já está nas bancas o mais tradicional e confiável **Guia do Campeonato Brasileiro**. São 486 fichas e fotos de jogadores, autógrafos e e-mails dos ídolos. E mais: os gols, cartões e estatísticas individuais de todos os jogadores, números que só o banco de dados PLACAR pode oferecer. Grátis tabelas com todos os jogos das Séries A e B. Por 6,90, já nas bancas!

PLACAR lança um **CD-ROM** inédito no Brasil: as 11 065 fichas completas dos jogos do Brasileiro de 1971 a 2001. Com um simples "clic" é possível descobrir todos os jogos de um determinado jogador, os confrontos de dois times, as pesquisas mais diversas. Um banco de dados com 450 mil informações armazenadas em um CD de fácil acesso. Por apenas 6,90, já nas bancas!